

J. Herculano Pires

Os 3 Caminhos de Hécate

Crônicas do Irmão Saulo

(Lições de Espiritismo)



Editora Paidéia Ltda.

Título: *Os 3 Caminhos de Hécate*

Autor: *J. Herculano Pires*

9ª Edição - Abril de 2004 - 1500 exemplares

Coordenação Editorial: *Herculano Ferraz Pires*

Capa: *Andrei Polessi*

Diagramação: *Adriana Cury Pires*

Laser Film: *Sérgio A. Franco*

Revisão: *Flávia Cury Pires / Tatiana Cury Pires*

Número do ISBN 85 – 88849 – 26 – 7

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Paidéia Ltda

Rua Dr. Bacelar, 505A - V. Clementino

CEP 04026-001 São Paulo - SP

Tel. (011) 5549-3053 / 5182-5836

www.editorapaideia.com.br

Apoio:

Fundação 
Maria Virgínia e J. Herculano Pires

Contracapa (esquerda)

Os 3 Caminhos de Hécate

O Autor deste livro, professor J. Herculano Pires, o fez através de uma seleção de suas crônicas que foram publicadas nos Diários Associados, nos anos 60, com o pseudônimo de Irmão Saulo.

Como a versão original está esgotada, estamos publicando uma nova edição, onde a única alteração feita foi separar as crônicas por assunto abordado: Ciência, Filosofia e Religião, sem alterar o conteúdo original do livro.

Contracapa (direita)

José Herculano Pires foi o que podemos chamar homem múltiplo. Em todas as áreas do conhecimento em que desenvolveu atividades – dentro e fora do movimento doutrinário – sua inteligência superior iluminada pela doutrina espírita e pela cultura humanística brilhava com grande magnitude, fazendo o povo crescer espiritualmente. Herculano Pires foi mestre em Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia de Araraquara e membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, que presidiu por longos anos. Diretor da União Brasileira de Escritores e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. Presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia (...). E, o que é mais importante: espírita desde os vinte e dois anos de idade, ninguém no Brasil e no estrangeiro mergulhou tão fundo nas águas cristalinas da Codificação Kardeciana e ninguém defendeu mais e com mais competência do que ele a pureza doutrinária (...)

(Do livro
J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec,
de Jorge Rizzini)

Aos três anjos:

As meninas Julie e Caroline Baudin e a srta. Japhet,

que representaram, no plano mediúnico,
as três faces de Hécate,

apontando a Kardec os três caminhos da
Doutrina Espírita.

Índice

“Hécate”	8
Primeira Parte – Ciência	10
1 – Ciência e Superstição.....	11
2 – Provas Empíricas	14
3 – Sequência das Ciências	17
4 – Fenômenos de Materialização.....	20
5 – Ciência e Religião.....	25
6 – Preservativo da Loucura	28
7 – Sonhos Premonitórios	31
8 – Tarefa de Hécate	34
9 – Psicologia Espírita	37
Segunda Parte – Filosofia	40
10 – Um Divisor de Águas	41
11 – Os Fatos e a Doutrina.....	44
12 – Cristianismo do Cristo	47
13 – Da Magia ao Mito.....	50
14 – O Velho e o Novo	54
15 – A Seara Imensa.....	57
16 – Método e Bom-senso	60
17 – Kardec, o Demiurgo.....	63
18 – Religião Reconstruída.....	66
19 – Filosofia de Vida	69
20 – O Complexo e a Caridade	72
21 – O Que é Mais Fácil	75
22 – Heranças Tribais	78
23 – A Verdade e a Violência.....	81
24 – A Lei como Pedagogo.....	84
25 – Cristãos e Filósofos.....	87
26 – Espiritismo e Cultura	90

Terceira Parte – Religião	94
27 – O Impacto Espírita	95
28 – Desenvolvimento Espiritual	98
29 – Moral e Religião	102
30 – Sincretismo Religioso	105
31 – Mediunidade Bíblica	109
32 – Fanatismo Sectário	113
33 – Religião Espiritual	117
34 – Perante o Natal	120
35 – Bases Bíblicas	123
36 – Espontaneidade Mediúnica	126
37 – A Reencarnação e a Cultura	130
38 – Jesus e Nicodemos	135
39 – A Magia da Água	138
40 – Religião Psíquica	141
41 – Sincretismo Cristão	144

“Hécate”

Hécate, filha do titã Perseu, o resplandecente, e de Astéria, a donzela estelar, foi a única sobrevivente da era titânica que manteve o seu poder sob o domínio de Zeus. Honrada pelos mortais e pelos imortais, era representada como deusa tríplice. Triângulo divino, não apresentava a deformidade de um corpo com três cabeças, mas a harmonia de três corpos unidos, como um grupo de três jovens de costas voltadas umas para as outras.

As faces de Hécate olhavam o cosmos em três direções. Estava presente no mistério das encarnações e das desencarnações. Vivia na Terra, mas descia aos infernos e subia aos céus. Quando Deméter procurava sua filha Perséfone, raptada por Hades, o deus infernal, Hécate saiu ao seu encontro com um facho de luz e, arrebatando-a nos seus corcéis, levou-a até o Sol. Deméter soube, então, na luz solar, o destino da filha desaparecida.

Hécate, a deusa tríplice, no céu era a Lua, na Terra era Diana, no inferno, Prosérpina. O mistério da trindade, que é uma das mais antigas formas mitológicas, encontrou em Hécate a sua mais poética expressão. Invocavam-na para afastar as almas dos mortos, nos casos de possessão ou loucura. Nas noites de luar, aparecia nas encruzilhadas, acompanhada de almas errantes e de animais. para torná-la propícia, ou para que auxiliasse as almas perdidas, ofereciam-lhe nas encruzilhadas os resíduos dos sacrifícios aos deuses.

A deusa tríplice era também representada por três caminhos cruzados. Os caminhos de Hécate conduzi-
am aos três planos do seu império cósmico: o mundo
subterrâneo, o mundo terreno e o mundo celeste. Deu-
sa dos mistérios da terra e do espaço, Hécate asseme-
lha-se à doutrina tríplice do Espiritismo, que pelos
caminhos da ciência, da Filosofia e da Religião, arran-
ca Perséfone do hades, conduz Deméter ao Sol e trans-
forma os resíduos mitológicos em auxílio para as al-
mas e os homens.

Primeira Parte
—
Ciência

1 – Ciência e Superstição

Em artigo distribuído pela APLA, aos jornais de todo o mundo, Chapman Pincher escreve de Londres, estranhando que o nosso século, considerado Idade da Ciência, seja também a Grande Idade da Superstição. Mas, procurando explicar essa situação contraditória, faz uma descoberta curiosa: a de que a ciência gera a superstição. Como se vê, trata-se de uma explicação dialética, bem ao gosto do século. Mas uma explicação que não passa de simples paliativo.

Qual a razão pela qual o nosso século seria a grande Idade da Superstição? Primeiro, segundo explica Chapman Pincher, por causa dos Discos Voadores. Depois, porque há uma crença geral em “poltergeists”, ou seja: “espíritos sobrenaturais e dotados da capacidade de mover objetos materiais”. E depois, ainda, porque milhões de pessoas, em todo o mundo, acreditam que os espíritos dos mortos podem comunicar-se com os vivos e até mesmo materializar-se”.

A posição do Sr. Pincher não é única. Há milhares de intelectuais, pelo mundo inteiro, escrevendo artigos, pronunciando conferências, dando aulas e publicando livros, nesse mesmo sentido. Para todos eles, aceitar a possibilidade da existência de espíritos é revelar atraso mental, apego a superstições superadas pelo desenvolvimento das ciências. Que resposta podemos dar a esses homens ilustres, não raro dotados de grande capacidade mental, que relegam ao porão do subconsciente as nossas mais sólidas convicções?

Há espíritas que se impressionam com isso. Muitos nos escrevem, perguntando como explicar-se a existência de tanta e tão ferrenha negação, de parte de homens esclarecidos. A melhor

resposta nos é dada pela própria história da chamada “superstição espírita”. Até hoje, desde as famosas investigações da Sociedade Dialética de Londres, para desfazer a “praga do século” – que era então, e isso no século XIX, o Espiritismo –, nenhum investigador sério pôs a mão no fogo sem ser queimado. Quer dizer: até hoje, nenhum cientista que se atreveu, com seriedade, a investigar os fatos espíritas, deixou de comprová-los. E muitos tornaram-se espíritas, inclusive o maior deles, que foi William Crookes, o Einstein do século XIX.

O que acontece, pois, é que o Sr. Pincher, e muitos outros como ele, apegam-se aos seus conhecimentos com o mesmo fanatismo dos supersticiosos. Não são mais do que supersticiosos de outra categoria. Acreditam piamente que a concepção científica do mundo é a última palavra no plano do conhecimento, esquecidos das tremendas lacunas, das falhas gigantescas, das enormes manchas de dúvida e incerteza que revelam a necessidade de maiores investigações e maior ponderação. Esquecem-se de que as ciências, todas elas, estão ainda em desenvolvimento, constituem processos inacabados. E assim como as religiões, apoiando-se no pressuposto da revelação divina, julgam-se no direito de sustentar seus dogmas absolutos, assim estes agnósticos se consideram, com apoio nas conquistas da ciência, com o direito de impor os seus dogmas, igualmente absolutos.

Para escrever o que escreveu, o Sr. Pincher deve ignorar as experiências da Metapsíquica, da Parapsicologia e da Ciência Psíquica inglesa. Deve ignorar também as investigações de certos religiosos, inclusive da comissão de pastores anglicanos, que há poucos anos, na própria Inglaterra, agindo em defesa de sua religião, mas sendo sinceros, tiveram de concluir pela realidade da fenomenologia espírita. Deve ignorar, ainda, as pesquisas do Professor Price, da Universidade de Oxford, que concluem pela

mesma realidade. Deve, enfim, ignorar muita coisa, apesar de todo o seu possível saber.

E entre as coisas que o Sr. Pincher ignora, podemos incluir esta: não é a ciência que gera superstições, mas a incapacidade da ciência é que transforma em superstições muitas coisas reais, que podiam ser explicadas. Essa incapacidade, por sua vez, decorre em grande parte do dogmatismo científico de que o Sr. Pincher é um exemplo. Uma das coisas que mais se apontavam contra a realidade dos fatos espíritas, no século XIX, era o chamado “absurdo” dos fenômenos de levitação. Como se poderia admitir a levitação, se ela contrariava a lei da gravidade: Entretanto, o Professor Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, incumbiu-se de investigar os fatos e chegou a descrever a própria mecânica da levitação. Sua teoria da alavanca fluídica, experimentalmente comprovada, figura no “*Traité de Metapsichique*”, de Richet. Provou Crawford que a levitação não contrariava nenhuma lei científica.

Quanto à materialização, que tanto aborreceu o Sr. Pincher, sua prova científica não foi feita pelos espíritas, mas por sábios como Crookes, que era físico, e Richet, fisiologista. Dois sábios que não se fecharam em posições dogmáticas, mas procuraram verificar o que havia a respeito de problemas tão complexos. Não é científica, como bem dizia Ernesto Bozzano, a atitude dos que, em nome de princípios, negam os fatos que os contrariam. Estamos certos de que, se o Sr. Pincher pensasse um pouco nessa afirmação de Bozzano, não continuaria a escrever contra a ciência que tanto ama, para acusá-la de mãe da superstição. Apesar de dialética, essa posição é muito incômoda para um homem que distribui pensamentos pelo mundo, através de agências jornalísticas. Porque o mundo, apesar dos pesares, está cheio de gente que conhece muita coisa que o Sr. Pincher ignora.

2 – Provas Empíricas

“Por que materializar espíritos, quando o que mais precisamos é de espiritualizar homens?”, pergunta-nos um leitor. A resposta é simples: porque assim provamos a existência do espírito. As tentativas de espiritualização do homem através da razão e da fé, de que a Idade Média nos oferece o mais completo exemplo, não deram os resultados desejados. Pelo contrário: o desenvolvimento do materialismo, através das ciências empíricas, ameaçou de destruição completa o edifício milenar da fé. E foi exatamente nessa hora que os fenômenos espíritas reagiram contra o materialismo, usando, como diz Kardec, as mesmas armas deste e no seu próprio campo de ação.

As pessoas satisfeitas com as teorias espirituais que esposam, em geral não compreendem a necessidade de provas materiais da existência do espírito. Mas a própria história se incumbem de nos mostrar que essas provas são necessárias, a começar pelo episódio de São Tomé. Os homens se dividem, segundo um princípio filosófico, em racionais e empíricos. Os racionais se contentam com a demonstração de tipo silogístico, aristotélico, mas os empíricos exigem a experiência concreta, querem por os dedos nas chagas. E se os primeiros são bem-aventurados, nem por isso o Cristo desprezou os segundos, pois submeteu-se à prova. Por outro lado, é preciso convir que Kant tinha razão, ao mostrar que a razão pura pode levar-nos a todas as antinomias.

Há muitos espíritas que nunca puseram os dedos nas chagas, muitos bem-aventurados que se fizeram espíritas por força do simples raciocínio. Mas há outros que só chegaram à concepção espírita depois de longas lutas, anos de dúvida e hesitação, durante os quais as provas materiais exerceram papel decisivo no seu

processo pessoal de espiritualização. Os fenômenos físicos da mediunidade: “raps”, movimento de objetos, materializações e desmaterializações parciais ou totais, e voz direta (pelo qual os espíritos falam diretamente, vibrando sua voz no ar, sem se servirem do aparelho vocal do médium), constituem a base das pesquisas científicas do Espiritismo. e alguém poderá alegar a inutilidade dessas pesquisas, na era científica em que vivemos?

Quantas angústias, quantos desesperos foram e são minorados pelas experiências espíritas de materialização! Isso prova que as materializações não pertencem apenas à ciência, mas também à religião. São uma das formas mais eficientes de consolação oferecidas pela doutrina espírita. Frederico Figner e sua esposa, desolados com a perda de sua filha Rachel, só encontram consolo quando a menina se materializa nas famosas sessões da médium Ana Prado, no Pará, provando-lhes que não havia sido destruída pela morte e pedindo à mãe que tirasse o luto. Lombroso, o grande criminologista italiano, sente-se renovado ao ver sua mãe materializada, numa sessão com Eusápia Paladino. As materializações consolam, confortam, renovam o homem, abrem-lhe perspectivas novas ao pensamento, demonstrando de maneira concreta a continuidade da vida após a morte. Foi graças a elas que Richet, o grande fisiologista, depois de angustiantes dúvidas, rendeu-se à evidência da sobrevivência e declarou, numa carta a Cairbar Schutel: “A morte é a porta da vida”.

Há quem se mostre aterrorizado com a possibilidade dos fenômenos de materialização, como aconteceu com o escritor Thomas Man. O medo da morte, cultivado no homem ocidental através de milênios, tem raízes profundas. Mas há também os que se alegram e se entusiasмам com eles, como o escritor Denis Bradley em “Rumo às Estrelas”. A verdade, porém, é que, existindo os fenômenos, devem ser objeto de pesquisa. O Espiritismo não os utiliza somente para provar a sobrevivência espiritual, mas tam-

bém e principalmente para investigar as relações existentes entre o sensível e o inteligível, a forma e a matéria, o corpo espiritual e o corpo material (do apóstolo Paulo), a alma e o corpo das concepções religiosas. Esse problema é de importância fundamental para o homem, muito mais do que a desintegração atômica e a conquista do espaço sideral. E os fenômenos de materialização encerram os segredos da sua evolução.

3 – Seqüência das Ciências

Pergunta-nos um leitor amável: “Se os fatos espíritas sempre existiram, por decorrerem de leis naturais, por que o Espiritismo só pôde aparecer e se definir em meados do século XIX, segundo leio em sua última crônica?” A resposta nos é dada por Kardec, no primeiro capítulo de seu admirável livro “A Gênese”, para o qual remetemos o leitor. Para antecipar-lhe, entretanto, a informação que naquele texto irá obter de maneira completa e minuciosa, diremos alguma coisa a respeito.

Kardec nos lembra que “todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional, nascendo uma das outras, à medida que encontrem pontos de apoio nos conhecimentos anteriores”. E acrescenta: “O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências, e não podia aparecer senão depois da elaboração delas.” Da mesma maneira por que a Sociologia não poderia aparecer e se definir nos séculos anteriores, embora os fatos sociais e a sociedade sempre existissem, o Espiritismo não poderia fazê-lo antes, embora os Espíritos e os fatos espíritas sempre existissem.

O objeto do Espiritismo é o princípio espiritual. Este princípio, porém, não poderia ser encarado de maneira positiva, pelo homem encarnado, senão depois do seu progresso no conhecimento do princípio material. A mente humana se eleva progressivamente de um plano a outro. Não precisamos senão de observar o processo natural do desenvolvimento do conhecimento, tanto do ponto de vista psicológico, quanto do epistemológico, para verificarmos isso. Sem o desenvolvimento das ciências materiais o

conhecimento das leis gerais da matéria, o homem não estaria em condições de enfrentar a investigação das leis gerais do espírito.

Há quem estranhe a falta de desenvolvimento da ciência espírita, em face do rápido avanço das ciências materiais, no correr da última centúria. Mas Augusto Comte já observava, em seu “Curso de Filosofia Positiva”, que as ciências materiais “se desenvolvem mais rapidamente”, por serem estudadas com isenção de ânimo, uma vez que o seu objeto é exterior e estranho ao homem. A ciência espírita tem por objeto o próprio homem, naquilo que constitui a sua substância, o seu próprio ser. Comte transferia a substância do homem para o social, reduzindo o indivíduo a uma estrutura fisiológica. O homem, como espírito, como expressão psíquica, como entidade cultural, se encontrava na sociedade. Por isso, considerava a física social, mais tarde denominada sociologia, como a última ciência na escala do conhecimento, a que mais tardiamente teria de ser elaborada.

Kardec, descobrindo a autonomia do espírito, ser individual que se desenvolve em sociedade mas não se absorve nesta – pelo contrário, a transcende –, abriu as portas de uma ciência nova, de mais difícil desenvolvimento que a sociologia, e que realmente é a última a ser atingida pelo homem, pois é a sua própria ciência. Evidente que seu progresso tem de ser mais lento, mais laborioso e até mais doloroso que o das ciências anteriores. A observação de Comte, referente ao mais fácil desenvolvimento das ciências exteriores, cujos objetos estão fora do homem e distanciados dele, lembra-nos um trecho de Kardec em “A Gênese”, capítulo primeiro, que acentua alguns motivos de retardamento do progresso da ciência espírita. São motivos decorrentes da condição apontada por Comte para a física social. Diz Kardec: “O simples fato da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual tem conseqüências incalculáveis e da maior gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela, e cuja importância é tanto maior,

quanto a ele se destinam todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento não pode deixar de produzir, ao se generalizar, profundas modificações nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças, que exercem tão grande influência sobre as relações sociais.”

Bastariam essas conseqüências para justificarem o aparecimento, por assim dizer, tardio do Espiritismo, bem como a falta de maior impulso no seu desenvolvimento, a par das demais ciências. O Oráculo de Delfos já ensinara a Sócrates que a ciência mais elevada é a do “conhecimento de si mesmo” e o tempo se incumbiu de provar a verdade do ensino. A última das ciências é a que nos liberta da matéria.

4 – Fenômenos de Materialização

Vários leitores nos fazem perguntas sobre os fenômenos de materialização de espíritos. “Isso é verdade? Os espíritos se materializam, se tornam tangíveis e podem ser fotografados? Esses fenômenos são de fácil obtenção? Até mesmo em círculos incultos é possível o aparecimento de materializações legítimas? E por que o escuro? Por que não aparecem as materializações em plena luz? Essa fotofobia não justifica as acusações de fraude, formuladas em todos os casos?”

O problema das materializações é realmente um dos mais complexos da ciência espírita. Todas essas perguntas têm razão de ser. Mas, por outro lado, todas elas tem resposta e as respostas já foram dadas há muito tempo, por investigadores espíritas e não espíritas, alguns deles representando nomes honrosos nas ciências materiais. Para começar, diremos que é verdade. Sim, os espíritos realmente se materializam e, quanto a isso, não pode haver a menor dúvida, por parte das pessoas que tenham procurado conhecer o problema. Já não somos nós, os espíritas, que dizemos isso: são os cientistas que realizaram experiências a respeito, no passado e no presente.

Que as materializações são tangíveis e podem ser fotografadas, também é indiscutível. Aí estão as experiências de Crookes e Richet; o “Tratado de Metapsíquica”, com suas magníficas ilustrações, as investigações atuais, realizadas nos Estados Unidos e na Europa; as experiências felizes efetuadas em nosso país. Desde o caso célebre da médium Ana Prado, no Pará, até o das materializações luminosas do médium Peixotinho, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, atestadas pelo livro recente do delegado Ranieri.

Quanto à facilidade na obtenção dos fenômenos, tudo depende, como em todos os casos em que desejarmos “interrogar a natureza”, seja no plano das ciências materiais, seja no Espiritismo, da existência de condições favoráveis e de aparelhagem suficiente. Não podemos obter fenômenos de materialização se não dispusermos de um médium especial, de um grupo de pessoas capazes de nos auxiliarem em trabalho sério e persistente, de local adequado para as experiências. Dispondo de todos esses elementos e, ainda, se o médium estiver em condições físicas e psíquicas normais, obteremos os fenômenos com relativa facilidade.

A produção desses fenômenos em círculos incultos é também possível. Acontece, porém, que nesses círculos não há condições para verificação da legitimidade das aparições. Por outro lado, não havendo conhecimento das dificuldades para obtenção dos fenômenos, nem uma compreensão ampla da sua significação, esses círculos são mais sujeitos a fraudes e mistificações, não raro produzidas pelos próprios espíritos. A bibliografia espírita, e mesmo a não espírita, registram numerosos casos de fenômenos de materialização em tribos selvagens. O professor Ernesto Bozzano escreveu um belo livro a respeito, recentemente reeditado em Verona, por Edizioni Europa, com o título: “Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali”.

No tocante ao problema da luz, devemos acentuar que a escuridão não é condição obrigatória. As sessões de Crookes, por exemplo, as mais importantes realizadas na Europa no século XIX, foram quase todas com luz. Atualmente, nos Estados Unidos, segundo relatos da sra. Marshall, para a “Revista Internacional do Espiritismo”, numerosas experiências foram realizadas, com pleno êxito, à luz do dia. No Brasil também há casos de materialização nessas condições.

Em geral, os médiuns sensíveis à luz precisam submeter-se a uma espécie de treinamento, para suportá-la. Em muitos casos, a

luz afeta as formações ectoplásmicas, prejudicando o médium, mas há o recurso de conservar-se o médium num gabinete escuro, do qual saem as formas materializadas para uma sala com luz tênue. De qualquer maneira, o problema da luz não justifica as acusações de fraude, pois sabemos que muitos fenômenos químicos e biológicos somente se realizam no escuro. As materializações envolvem melindrosos e ainda não esclarecidos problemas nesses dois campos da ciência.

O médico italiano Enrico Imoda efetuou numerosas experiências, na primeira década do século XX, para obtenção de fotografias mediúnicas. Obteve êxito notável nas sessões realizadas com a médium Linda Gazzera, uma jovem de vinte e dois anos, e elaborou um trabalho que foi publicado logo após a sua morte, com o título de “*Fotografie di Fantasmi*”. Essas fotografias foram tiradas pelo antigo sistema de lâmpadas a magnésio, o que basta para confirmar que as formas materializadas resistem à luz, por mais forte que esta se apresente. Embora se tratasse, em geral, de fenômenos ideoplásticos, a prova tem o mesmo valor, pois a ideoplastia é também materialização, não de espíritos, mas de formas mentais produzidas pelo médium ou pelos espíritos que o assistem.

A srta. Linda Gazzera apresentava uma mediunidade curiosa, capaz de produzir fenômenos físicos com extrema rapidez, mal se apagava a luz. Guillaume de Fontenay, experimentador francês que participou das sessões, observou que em menos de um minuto os fenômenos começavam a produzir-se, de maneira intensa e variada. Entretanto, a médium não suportava a luz e o seu guia espiritual, Vincenzo, exigia sempre que se fizesse plena escuridão na sala de trabalhos. Fontenay entendia que essa fotofobia da médium podia ser vencida aos poucos. De qualquer maneira, os fenômenos obtidos por Imoda, e depois também por richet, com Linda Gazzera, provam a excelência dos seus dons mediúnicos.

Temos, portanto, dois casos clássicos de materializações que se realizavam em condições contrárias: o de William Crookes, com a jovem médium Florence Cook, cujas aparições se produzi- am com luz, e o de Enrico Imoda, com linda Gazzera, que exigia escuridão. Vê-se que o problema da luz está ligado, de certa for- ma, às condições pessoais do médium, seja no plano psíquico, seja no fisiológico. Outras numerosas experiências, e várias ocor- rências de aparições espontâneas em pleno dia, mostram que não há uma fotofobia generalizada, nos casos de materialização. Não se pode dizer, portanto, que o escuro seja condição essencial para a produção dos fenômenos, que podem realizar-se também em plena luz.

Guillaume de Fontenay, que foi vice-presidente da Seção de Paris da Sociedade Universal de Estudos Psíquicos, formulou uma curiosa teoria sobre os fenômenos de materialização. Segundo essa teoria, os fenômenos apresentam vários estados, dos quais se destacam três fundamentais. Desses três, os dois primeiros podem ser considerados como estágios, como fases preparatórias da materialização completa. Parece que a luz exerce influência nega- tiva apenas no primeiro estágio. A teoria de Fontenay foi confir- mada por experiências de Ochorowicz em Varsóvia, com a mé- dium Stanislawa. Fontenay, pelo menos, assim considerou o resultado daquelas experiências.

Em carta dirigida a Demaison, e publicada no livro de Enrico Imoda, “*Fotografie di Fantasmii*” (Edições Fratelli Bocca, Turim, 1912), Fontenay expõe a sua teoria nos seguintes termos: “Consi- dero que as materializações de formas apresentam vários estados. O primeiro – e o segundo, creio –, o mais fácil de obter-se, é o estado em que elas são tangíveis, consistentes, capazes de se moverem e de movimentar objetos, mas permanecem invisíveis, mesmo em plena luz. Num segundo estado, as formas materiali- zadas são, ao contrário, visíveis, mas inconsistentes. Pode-se

atravessá-las com a mão, sem experimentar nenhuma sensação tátil, a não ser, por vezes, a que alguns observadores chamaram “sensação de teia de aranha”. Afinal, num terceiro estado, que parece ser o mais difícil de obter-se, a materialização se completa, o que quer dizer que as formas criadas revestem todos os atributos normais da matéria: consistência, poder mecânico, visibilidade.”

Essas explicações de Fontenay, segundo nos parece, respondem às perguntas de vários leitores sobre o problema da luz nos fenômenos de materialização. Ao caso particular de Linda Gazzera, a teoria se aplica de maneira admirável. Linda não tolerava a luz, mas os fenômenos produzidos pela sua mediunidade apresentavam mobilidade, força mecânica e consistência. Daí a conclusão de Fontenay, de que a médium podia desenvolver a capacidade de produzir fenômenos completos em plena luz.

5 – Ciência e Religião

Os estudos que temos feito sobre a ciência espírita e sua posição no quadro geral do conhecimento visam tão somente demonstrar que o Espiritismo não pode ser tratado ligeiramente por pessoas que não conhecem a sua estrutura doutrinária, e muito menos ser encarado através dos aspectos da sua difusão popular, como religião. Mas não queremos negar, com isso, o caráter religioso da doutrina. Pelo contrário, já tivemos ocasião de afirmar, várias vezes, que o Espiritismo é uma doutrina tríplice, em que a ciência, a filosofia e a religião se encadeiam e se sucedem, numa ordem lógica e, portanto, necessária.

Alguns leitores acham inútil a nossa insistência ao aspecto científico do Espiritismo, alegando que o ponto culminante da doutrina é a religião, exatamente o aspecto mais acessível ao povo. Entretanto, quando compreendemos que a religião espírita não poderia existir, e não teria sentido, sem a ciência espírita, parece evidente a importância da discussão do aspecto científico. Kardec insistiu de tal maneira no estudo desse aspecto, deu tal ênfase ao seu desenvolvimento, que até mesmo espíritas ilustres, ainda hoje, fazem confusão a respeito do assunto, não admitindo a existência da religião espírita. Mas “O Livro dos Espíritos” revela o sentido religioso da doutrina desde o seu primeiro capítulo, e em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, bem como em “O Céu e o Inferno”, vemos configurar-se nitidamente a religião espírita, na base dos princípios cristãos e como desenvolvimento natural do Cristianismo.

Insistir no aspecto científico, portanto, não é contradizer o religioso, nem se opor a ele ou subestimá-lo. É, pelo contrário, segundo o próprio exemplo do codificador, manter a unidade

doutrinária, firmada em sua base científica. Para algumas pessoas, o fato de tratarmos de ciência espírita parece pernóstico. “Chega de ciência – dizia-nos um amigo –, precisamos é de melhorar o homem, pela religião”. Mas desde que o mundo é mundo existem religiões, e vemos Kardec declarar em “A Gênese”, com muita razão, que as religiões serviram “como instrumentos de dominação”. A posição do Espiritismo em face desse problema é bem outra. O Espiritismo só admite uma religião de libertação, que não sirva de instrumento para outros fins, e por isso mesmo uma religião fortemente apoiada na comprovação científica. Uma religião, como dizia Kardec, que possa encarar a razão face a face, em todas as etapas da evolução humana.

A característica do Espiritismo, no panorama religioso do mundo, é exatamente o seu sentido racional e científico. Seu mérito especial é haver submetido a alma à investigação científica, iniciando o homem no conhecimento positivo dos problemas espirituais, até então relegados ao plano do mistério. Kardec esclarece esses problemas com absoluta consciência de sua importância e declara, no capítulo primeiro de “A Gênese”, item 14: “As ciências só fizeram progressos importantes depois que se basearam no método experimental; mas, até então, acreditava-se que esse método só era aplicável à matéria, quando o é igualmente às coisas metafísicas”. As ciências, para Kardec, se completam com o Espiritismo, última conquista do pensamento. Daí a sua afirmação peremptória: “O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente. A ciência, sem o Espiritismo, não pode explicar certos fenômenos, com o auxílio apenas das leis materiais; o Espiritismo, sem a ciência, não teria a base e comprovação”.

O pensamento do codificador a respeito é de uma limpidez admirável. O Espiritismo é para ele uma dupla revelação, ou seja, “participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação

científica”.¹ É, portanto, ciência e religião. É ciência, quando investiga, pesquisa, experimenta, para depois revelar as leis do “elemento espiritual, constitutivo do universo”. É religião, quando aceita a revelação divina das leis do Espírito, do mundo moral, através do Evangelho do Cristo e da confirmação do Espírito da Verdade. E entre a ciência e a religião, como uma espécie de perispírito conceptual, ligando o corpo e o espírito da doutrina, temos a filosofia espírita. Só através da aceitação desse esquema kardeciano podemos realmente compreender o Espiritismo em sua plenitude.

¹ “A Gênese”, capítulo I, item 13)

6 – Preservativo da Loucura

Acusar os espíritas de loucos, apontar o Espiritismo como caminho para o hospício e até mesmo apresentar o Espiritismo como forma de loucura, foram expedientes muito usados e de grande efeito em nosso país, na luta contra a propagação da doutrina. Nem mesmo os homens de ciência deixaram de usar esse expediente. E ainda agora, em trabalhos recentes – um deles publicado em São Paulo, por lente universitária, e denunciado por Deolindo Amorim em magnífico artigo no jornal “Mundo Espírita” –, aparecem tristes resquícios dessa atitude. Ficou célebre a tese do professor Henrique Roxo, posta a ridículo por Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e outros, sobre a estranha doença que se chamaria “*delírio espírita-episódico*”, ou seja, a “*doença*” da vidência.

No exterior, entretanto, desde o princípio das pesquisas espíritas, os grandes mestres de psicologia e psiquiatria tomaram atitude bem diversa. Enrico Morselli, diretor do Hospital Psiquiátrico de Macerata e professor de Psiquiatria e Neurologia na Universidade de Gênova, autor de dois alentados volumes sobre as relações do Espiritismo com a Psicologia – apesar de não ser espírita e de nem mesmo aceitar a “hipótese espírita” –, não admitia que o Espiritismo fosse causador de loucura. Pelo contrário, referindo-se às numerosas experiências que realizou com a médium Eusápia Paladino, acentuava o teor de equilíbrio, sensatez e serenidade dos participantes dos trabalhos e acrescentava que, em sua longa carreira de psiquiatria, haviam sido apenas quatro ou cinco casos de alienados espíritas. Imaginemos a cifra correspondente a outras correntes.

Charles Richet, ao tratar de acusações de histeria e de loucura feitas aos médiuns, declara peremptoriamente no seu “Tratado de Metapsíquica”: “Recuso-me inteiramente a considerá-los como doentes”. E logo mais adverte: “Certamente que eles sofrem alguma desagregação da consciência. Mas também os artistas, os sábios e mesmo os indivíduos comuns não sofrem freqüentemente de análogas desagregações da consciência, com autoritarismo parcial?” Referindo-se aos grandes médiuns então conhecidos, Richet acentua que nem a sra. Piper, nem o rev. Stainton Moses, “possuíam qualquer característica fisiológica ou psicológica que os distinguisse”, e terminava declarando: “esses sensitivos são como todo o mundo”.

Uma observação curiosa de Richet, sobejamente constatada pelos investigadores espíritas no mundo inteiro, é a naturalidade e a espontaneidade do desenvolvimento mediúnico, assim expressas pelo sábio: “ Na maioria dos casos, foi por acaso que eles descobriram a sua sensibilidade. Não foi jamais por ato deliberado da vontade que se tornaram médiuns. Seu poder desenvolveu-se espontaneamente.” Da mesma maneira, a faculdade desaparece, quando menos se espera, e sem que o médium “possa retê-la”, segundo as expressões de Richet.

Como se vê, há enorme distância entre a atitude de sábios como Morselli e Richet e a de alguns psiquiatras nacionais que se empenham em classificar os médiuns de anormais. A mediunidade, aliás, não é privilégio dos chamados médiuns. O Espiritismo demonstra que a mediunidade é uma faculdade humana generalizada. Todas as criaturas humanas são médiuns. O que existe é apenas uma variação de graus ou de potência, como se nota em todas as demais faculdades. O pitoresco “*delírio espírita episódico*” pode ser considerado como uma espécie de surto gripal, ou de sarampo ou varicela, que de vez em quando ataca os grupos hu-

manos. Enquanto o professor Henrique Roxo não descobrir uma vacina eficiente, estaremos todos sujeitos a esse delírio.

Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, estuda o problema da loucura, em face das acusações feitas ao Espiritismo. E pergunta: “Conhece-se o número de loucos e maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? E deve-se, por isso, banir tais estudos? O que provam esses fatos? Nos trabalhos físicos, estropiam-se os braços e as pernas; nos trabalhos intelectuais, estropia-se o cérebro.” A seguir, lembra Kardec que nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhum ramo de atividades mentais é responsável pela loucura, que pode desenvolver-se em qualquer estudo, desde que o indivíduo tenha disposição para ela. E por fim esclarece que o Espiritismo “é um preservativo da loucura”, porque oferece ao estudioso os elementos necessários à sua paz de espírito.

7 – Sonhos Premonitórios

Os sonhos premonitórios constituem um dos mais curiosos capítulos da fenomenologia espírita. Como explica Kardec, o sonho é uma lembrança dos momentos de emancipação da alma, durante o sono. Geralmente, trata-se de lembrança imprecisa, mesclada a reflexos das horas de vigília. Quando, porém, o espírito é capaz de se emancipar realmente da matéria e das suas preocupações rotineiras, temos sonhos lúcidos, e entre eles os premonitórios, que nos advertem de coisas por acontecer. Ou ainda, como no caso recente do detento que descobriu a filha do jornalista, morta num rio – vendo da sua cela aquilo que os pesquisadores não descobriam –, os sonhos são lembranças de trabalhos do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo material descansa no sono.

Não é à-toa que dizem ser o sono um primo-irmão da morte. O ditado popular corresponde, nesse caso, à realidade. Kardec o explica no cap. VIII da segunda parte de “O Livro dos Espíritos”, de maneira clara: “O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando o homem dorme, momentaneamente se encontra no estado em que estará, de maneira permanente, após a morte. Os espíritos que logo se desprendem da matéria, ao morrerem, tiveram sonhos inteligentes”.

Noutro trecho do mesmo capítulo, Kardec esclarece: “O sonho é a lembrança do que o vosso espírito viu durante o sono. Mas observai que nem sempre sonhais. Porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes. Isso porque não tendes a vossa alma em pleno desenvolvimento. Frequentemente, não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a vossa parti-

da e a vossa volta, a que se junta a lembrança do que fizeste ou a do que vos preocupa no estado de vigília.”

Ernesto Bozzano, o grande autor espírita italiano, que convenceu Charles Richet da realidade da sobrevivência, estudou, do ponto de vista científico, o problema dos sonhos premonitórios, em trabalhos notáveis como “*Dei Fenomeni Premonitori*”, *Della Manifestazioni Supernormali Fra i Popoli Selvaggi*”, *Premonizioni, Precognizioni, Profezie*”, e na sua obra monumental, publicada em tradução portuguesa entre nós, “*Animismo ou Espiritismo*”. Gustavo Geley, Eugênio Osty, Paul Gibier e tantos outros estudiosos, nomes ilustres da ciência contemporânea, também trataram do assunto, sem contarmos os escritores doutrinários, que examinaram do ângulo estritamente espírita. Trata-se, pois, de problema bastante estudado na bibliografia doutrinária.

Muitos são os casos de premonição da morte pelo sonho. Um deles, bem recente, é o do médium Urbano de Assis Xavier, desencarnado em Marília em 1959. Cerca de dois anos antes de haver sofrido o derrame cerebral que acabou vitimando-o, Urbano, então em plena saúde, sonhou que se encontrava, no plano espiritual, com uma entidade amiga, e esta o advertia: “Até 1960 estarás deste lado.” Contando o fato, Urbano dizia que, ao ouvir a advertência, sentiu-se emocionado. Então, a entidade lhe perguntou: “Tens medo?” Tendo ele respondido negativamente, objetou, entretanto: “Tenho receio apenas do instante da passagem, do momento de me desprender do corpo.” A entidade sorriu e disse: “Não te arreceies disso, pois nem sequer perceberás esse momento.”

O sonho, que Urbano contava constantemente aos amigos, afirmando que havia sido muito nítido, mas ficando entre a crença e a descrença, quanto à sua consumação, realizou-se plenamente. O momento da morte foi para ele tão rápido, que nem deve ter sido percebido. Mas o sorriso da entidade que o advertia pode

relacionar-se com as provas que ele teria de sofrer, antes desse momento. Porque de fato era curioso que ele temesse justamente a fase mais rápida, quando tudo o que devia temer estava nas precedentes.

Quando o médium desencarnou, no último dia de outubro de 1959, os amigos que dele tinham ouvido o sonho compreenderam a natureza premonitória do mesmo. Podem perguntar os leitores qual a utilidade da premonição, se o próprio interessado a punha em dúvida. Lembremo-nos, porém, de que os sonhos são lembranças do que se passa com o espírito nos momentos de desprendimento do corpo. A advertência da entidade deve ter sido muito mais ampla e com finalidade espiritual. O médium, em estado de vigília, recordava-se apenas de um episódio, que interessava para preveni-lo, e talvez também como novo exemplo da possibilidade premonitória dos sonhos, em casos de morte. O sonho, portanto, foi apenas um fragmento do que realmente se passou entre o médium e a entidade, que o preparava espiritualmente para as provas finais da vida terrena.

8 – Tarefa de Hécate

“Não acha o confrade que devemos deixar de construir hospitais para alienados mentais e cuidar com mais interesse da construção de orfanatos e asilos? Os hospitais de alienados são terrivelmente onerosos, tanto na construção quanto na manutenção, e causam verdadeiros transtornos, pela má vontade com que são vistos pelos organismos oficiais. Além disso, servem de arma contra nós, pois os adversários chegam a dizer que os construímos com dor de consciência, para curar os loucos que nós mesmos produzimos. Na minha opinião, fecharíamos todos esses hospitais. O governo e os que nos combatem que cuidassem dos loucos!”

Assim nos escreve um confrade, irritado com uma crônica de imprensa – que aliás já analisamos nesta coluna –, e com um artigo de certo pastor, batendo na mesma e velha tecla, tão gasta que o seu pobre som serve apenas para irritar os nervos: “as práticas espíritas produzem loucura”. Damos razão ao confrade, no que toca ao seu estado de irritação. Porque, de fato, não somos anjos e nem sempre dispomos de suficiente paciência para ouvir continuamente os velhos sons dessa tecla enferrujada pelo tempo. Mas, por outro lado, discordamos fundamentalmente da sua atitude e das suas conclusões.

O problema da construção de hospitais espíritas, destinados à cura de alienados mentais, é da mais alta responsabilidade doutrinária. Longe de interromper nossas atividades nesse terreno, ou fechar os hospitais que possuímos, ou de transformá-los em nosocômios de outra natureza, o que devemos é construir mais e mais instituições dessa ordem. Quanto maior o número de hospitais espíritas para doentes mentais e psíquicos, melhor estaremos agindo, no cumprimento dos nossos deveres. Que importa o que

digam os adversários? Pois até do Mestre, que é o Divino Modelo das supremas aspirações cristãs, não disseram pior do que isso?

A responsabilidade dos espíritas, no trato das doenças mentais e psíquicas, está na razão direta dos conhecimentos do assunto, que a doutrina nos proporciona. E na razão inversa da absoluta falta de conhecimento que campeia pelo mundo, tanto no terreno da psiquiatria materialista, quanto no das várias correntes religiosas e espiritualistas. Porque sabemos muito bem, na teoria e na prática, através de experiências cotidianas e de observações e estudos de numerosos médicos espíritas do Brasil e do Exterior, que a maioria dos casos de desequilíbrio são de origem psíquica, não no sentido materialista do termo, mas no sentido espírita. E sabemos que sem o tratamento adequado, que é o tratamento espírita, esses casos não se resolvem, podendo às vezes sofrer passageiros arrefecimentos, mas no geral agravando-se até a completa loucura.

Os arquivos dos hospitais espíritas comprovam o que estamos dizendo. E livros como os do médico Inácio Ferreira, de Uberaba, ou do psiquiatra Karl Wickland, de Chicago, dizem de maneira objetiva, através dos fatos minuciosamente relatados, da importância fundamental do tratamento espírita para essas anomalias. Deixar, pois, que as infelizes vítimas de tais desequilíbrios – na sua esmagadora maioria providas de outras religiões – fiquem entregues a tratamentos inadequados, seria falta de caridade, falta de espírito cristão e de solidariedade humana.

Pouco importa que nos acusem de “dor de consciência”, se na verdade não a temos. O importante é não criarmos essa dor de consciência pelo desleixo no cumprimento dos nossos deveres doutrinários. Sabemos que o Espiritismo, em vez de fazer loucos, como dizem aqueles que não o conhecem ou querem combatê-lo, “é o melhor preservativo da loucura”, segundo afirma Kardec, e o seu melhor remédio. Que diríamos de Pasteur, se ele houvesse

abandonado o seu trabalho e deixado o mundo entregue à ignorância da verdadeira causa das infecções, somente porque o combateram e ridicularizaram? O mesmo seria dito de nós, espíritas, mais tarde, se hoje lavássemos as mãos diante do crescente problema das doenças mentais e psíquicas que assolam a Terra. É preferível aceitarmos as acusações infundadas e levianas do presente, do que termos de arcar no futuro com as mais graves responsabilidades morais. Realizemos a tarefa de Hécate, em favor dos possessos e obcecados.

Possuímos hoje a maior rede de hospitais para alienados do nosso Estado. Por todo o país, o exemplo dos espíritas paulistas vai produzindo resultados cada vez maiores. Muitas unidades novas da grande rede paulista estão em vias de construção. Não deixemos esfriar-se, de maneira alguma, o nosso entusiasmo pela grande causa. Compete ao Espiritismo curar a loucura do mundo moderno, como coube ao Cristianismo curar a do mundo antigo. Prossigamos em nossa tarefa: onde quer que um grupo de espíritas possa reunir-se, para construir mais um hospital de alienados, que não percam um só minuto. Ergamos por toda parte os nossos hospitais, transformando-os cada vez mais em verdadeiros templos da ciência e da religião, na divina harmonia entre o saber e o amor, como anúncios do futuro entre as incompreensões do presente.

9 – Psicologia Espírita

Enrico Morselli foi um precursor da psicologia espírita. Pouco importa que Morselli não tenha sido espírita. O grande psiquiatra italiano incorpora-se, como Richet, à equipe dos desbravadores. Sua obra “Psicologia e Espiritismo”, em dois volumes, publicada em Turim, em 1908, constitui uma das primeiras pontes lançadas entre essas duas regiões do conhecimento, por sobre o abismo dos preconceitos e da ignorância. Aliás, já tivemos a oportunidade de afirmar que uma das grandes glórias do Espiritismo é justamente essa: a ciência espírita vem sendo construída pelos adversários e contraditores da doutrina. Quanto mais eles escavam os alicerces, para derrubar as paredes, mais constataam a solidez do edifício espírita e mais contribuem para fortalecê-lo.

A obra de Morselli se fundamenta nas experiências que realizou com a famosa médium Eusápia paladino. Depois de verificar a realidade dos fenômenos espíritas, de curvar-se ante a evidência dos fatos, como Lombroso, o psiquiatra não quis, entretanto, aceitar a explicação espírita dos mesmos. Fez como Richet, que só bem mais tarde daria a mão à palmatória. Considerou simplista e apressada a teoria espírita, mas sustentou com ênfase a realidade da fenomenologia supranormal e propôs a criação de um “espiritismo sem espíritos”, à maneira da “psicologia sem alma” que Watson proporia mais tarde.

“Psicologia e Espiritismo”, entretanto – como “The Human Personality”, de Frederic Myers, e “L’extériorisation de la Motricité”, de De Rochas –, representa um marco na elaboração da psicologia espírita. Muito se falou, depois desses pioneiros, em metapsíquica, metapsicologia e parapsicologia. Tanto Richet, no passado, como Rhine, na atualidade, tentaram avançar, através

dos fenômenos espíritas, além do campo imediato dos estudos psicológicos. Mas a verdade é que, antes desse avanço, é indispensável a criação de uma disciplina preparatória, que seria exatamente a psicologia espírita, cujos princípios já se encontram na obra de Kardec.

Morselli e Myers compreenderam bem esse problema. A Metapsíquica e a Parapsicologia são necessárias ao desenvolvimento dos estudos psíquicos, mas existem as bases de uma Psicologia Espírita, de uma ciência psíquica ligada ao homem encarnado e referente a ele, à natureza e ao funcionamento normal do seu psiquismo. Essas bases devem ser desenvolvidas, na construção de um ramo novo da Psicologia. Morselli e Myers têm o mérito de haver percebido que os fenômenos espíritas não se situam apenas na zona supranormal, devendo também ser estudados na zona normal, comum, do psiquismo habitual. De Rochas, por sua vez, chegou a demonstrar com suas investigações no campo de regressão da memória, que podemos encontrar o supranormal no próprio normal, verificando as reencarnações através da hipnose.

O trabalho desses pioneiros não teve prosseguimento. Richet atirou-se além da Psicologia, com seu “Tratado de Metapsíquica”, e desde então não se pensou mais em termos puramente psicológicos, a respeito dos problemas espíritas. Não obstante, a mediunidade é um problema fisio-psicológico e não metapsíquico, segundo as próprias definições de Kardec. A falta do desenvolvimento de uma Psicologia Espírita tem concorrido para que os psicólogos se afastem do campo das investigações psíquicas, entregando-o, cômoda e prazerosamente, aos metapsiquistas e parapsicologistas.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se um trabalho sério de construção da Psicologia Espírita. Somente ela dará base à outra disciplina de grande e urgente necessidade, que é a Psiquiatria Espírita. Os trabalhos de Morselli, Myers e De Rochas, bem como

os de outros que contribuíram para o esclarecimento de vários problemas, como Osty, Zöllner, Notzing, Lodge e tantos mais, devem ser retomados com urgência, não somente no sentido de experiências e pesquisas, mas também e sobretudo de elaboração teórica. A Psicologia Espírita lançará novas luzes sobre muitos problemas obscuros que, para usarmos uma expressão de Richet, atravancam atualmente o caminho dos estudos psicológicos.

Segunda Parte
—
Filosofia

10 – Um Divisor de Águas

A 18 de abril de 1857, a primeira edição de “O Livro dos Espíritos” aparecia nas livrarias de Paris, e com ela raiava para o mundo uma nova fase da vida humana, a que hoje damos o nome de “era espírita”. O responsável pela publicação era um ilustre professor francês, discípulo de Pestalozzi, autor de várias obras didáticas, largamente conhecido pela sua vasta cultura e seu invejável equilíbrio de espírito. Assinava o livro com pseudônimo por dois motivos: para diferenciar a sua atividade nas letras didáticas da sua atividade no campo espiritual e, ao mesmo tempo, para confirmar a sua crença na reencarnação anterior, quando sacerdote druída, entre os celtas.

Até esse momento, esse dia exato – 18 de abril de 1857 –, não se conhecia no mundo a palavra “Espiritismo”. Os fenômenos de Hydesville, com as irmãs Fox, ocorridos dez anos antes nos Estados Unidos, puseram na ordem do dia o problema da sobrevivência. As explicações, as hipóteses, as teorias brilhantes ou não, e mesmo as tentativas de formulação doutrinária, repetiram-se por toda parte. Videntes numerosos assumiam atitudes de mestres, na linha mística de Swedenborg. Mas, com tudo isso, a confusão era cada vez maior. De um lado, as religiões tradicionais impugnavam a novidade, baseadas em sua autoridade cegamente aceita. De outro lado, os homens de ciência recusavam-se a aceitá-la. Falava-se em Neo-Espiritualismo, mas em geral esta palavra não definia nada, a não ser o surto de um movimento confuso.

Com “O Livro dos Espíritos”, essa fase de transição foi superada. Kardec lançava uma palavra nova, “Spiritisme”, que definia, uma doutrina já perfeitamente estruturada em seu livro.

Essa doutrina, ao contrário da confusão reinante no chamado Neo-Espiritualismo, não se baseava na autoridade pessoal de um vidente, de um profeta ou coisa semelhante, mas “nas instruções dos Espíritos Superiores”, dada através de vários médiuns, e nas observações e experiências de um pesquisador competente e culto.

Aquilo que dizem os marxistas a respeito de sua doutrina, no tocante à evolução do problema socialista, podemos dizer a propósito de “O Livro dos Espíritos”: com ele surgiu o Espiritualismo Científico, superando a fase confusa do Espiritualismo Utópico. Dali por diante, falar em espíritos não era mais falar em bruxas e gnomos, em figuras de ficção ou de lenda, mas em entidades inteligentes, criaturas humanas que haviam sobrevivido à morte do corpo.

As próprias religiões tradicionais, que então lutavam desesperadamente contra o progresso do materialismo, nada de concreto e positivo podendo opor a esse progresso, foram imediatamente beneficiadas com o aparecimento do Espiritismo. Os homens de cultura, de pensamento, que não sabiam como sustentar a sua fé, diante da impossibilidade de defendê-la perante a ciência, viram-se amparados por uma nova arma. O Espiritismo, como acentuou Kardec em seus livros, tornou possível às religiões enfrentarem o materialismo em seu próprio terreno e com suas próprias armas. Já se podia falar em verificação experimental da existência da alma. E os grandes cientistas do século sentiram-se animados a tratar do problema espiritual como coisa séria, e não mais como simples superstição.

O que “A Origem das Espécies”, de Darwin, representou para o progresso da concepção antropológica; o que “O Discurso do Método”, de Descartes, significou na mudança de posição do pensamento medieval para o moderno, o que “A Psicologia como Ciência”, de Herbart, e os “Elementos de Psicofísica”, de Fechner, representaram na transição da psicologia clássica para mo-

derna, “O Livro dos Espíritos” representa, na transição ainda em curso, do espiritualismo clássico para o espiritualismo moderno.

Agora mesmo nos chegam notícias da França, relativas à organização de uma Sociedade Internacional de Parapsicólogos Católicos, empenhada no esclarecimento dos fenômenos espíritas. Sem a publicação do livro de Kardec, em 1857, não teria sido possível o aparecimento da Metapsíquica, de Richet, da qual surgiu a Parapsicologia de Rhine, agora vitoriosa nos meios universitários da América e da Europa, despertando o interesse dos próprios círculos católicos.

A importância de “O Livro dos Espíritos” no pensamento moderno é simplesmente fundamental. Esse livro, que é a obra básica do Espiritismo, representa o marco de uma nova era, no tocante aos problemas espirituais. Com ele, o mundo superou, por assim dizer, de um golpe, o longo passado mítico e dolorosamente místico da humanidade, para abrir as portas dos antigos mistérios ao pensamento racional e à investigação científica. Foi por isso que Kardec chamou o Espiritismo de III Revelação, acentuando que se trata de uma revelação de dupla natureza, ao mesmo tempo divina e humana. Revelação divina, porque dada ao homem através das manifestações espirituais, e humana ou científica, porque elaborada e desenvolvida pelo homem no plano da razão e da experimentação.

11 – Os Fatos e a Doutrina

Desde o aparecimento do Espiritismo, numerosos esforços vêm sendo feitos para negar a natureza dos fatos espíritas, diminuir a sua significação, ridicularizá-los, atribuí-los à fraude ou misturá-los com ilusionismo e hipnotismo. As forças e as pessoas empenhadas nessa inglória tarefa partem da suposição de que, negados ou deturpados os fatos, a doutrina pereceria. Entretanto, a história dessa luta demonstra o contrário. Os fatos espíritas não podem ser negados nem confundidos com fenômenos de outra natureza, e o combate que a eles se move só tem servido para intensificar a propagação da doutrina.

No capítulo sexto das “Conclusões” de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec declara: “Seria fazer uma idéia bem falsa do Espiritismo, acreditar que ele tira sua força da prática das manifestações materiais e que, portanto, entrando essas manifestações pode-se minar-lhe as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom-senso.” A seguir, o codificador explica que os fenômenos espíritas existem desde todos os tempos, não se podendo escondê-los ou sufocá-los, precisamente por serem naturais. Tratando-se, pois, de fatos naturais, lutar contra eles é lutar contra a natureza, contra a realidade.

Mas por que o codificador afirma que a força do Espiritismo não está nos fatos, e sim na doutrina? Pois não são os fatos a própria base objetiva da doutrina? Se lhe tirarmos essa base real, a doutrina não estará ameaçada? Claro que sim, e o próprio Kardec o diz, no mesmo capítulo citado. Mas diz também que, por serem naturais esses fatos, ninguém os conseguirá subtrair das bases doutrinárias. Ninguém poderá nunca impedir as comunicações

mediúnicas, em suas diversas modalidades. Elas são universais, de todos os tempos e de todas as latitudes, entre todos os povos.

Kardec, porém, deixa claro que o Espiritismo não é um acervo de fatos, um conglomerado de fenômenos materiais, e sim uma filosofia, uma doutrina. Os fatos espíritas, como o demonstrou Ernesto Bozzano, apoiado nas pesquisas dos antropólogos e etnólogos André Lang e Freedom Long, são a fonte natural de que nasceram todas as religiões. Por outro lado, as religiões se alimentam constantemente nessa fonte. Eles são, por isso mesmo, tão importantes para o Espiritismo quanto para outras doutrinas. E a força do Espiritismo não decorre dos fatos, mas dos princípios que ele construiu sobre esses fatos, interpretando-os da maneira legítima, através da razão e do bom-senso.

Enganam-se, portanto, os que combatem a fenomenologia espírita com o fim de impedir a propagação do Espiritismo. Mais acertados estão os que lutam contra a doutrina, contra os princípios filosóficos e religiosos do Espiritismo. Negar a doutrina, mesmo a peso de sofismas, é mais fácil do que negar os fatos em que ela se assenta. Mas ainda nesse terreno é preciso convir que a luta não é muito fácil. Porque a doutrina espírita não apresenta incongruências, não disfarça os seus princípios em zonas obscuras, sob o nevoeiro do mistério ou a proteção de interpretações místicas.

Um amigo de Cairbar Schutel, materialista, depois de haver lido “O Livro dos Espíritos”, fez-lhe esta declaração: “Não aceito a premissa de que parte este livro. Mas, se ela for verdadeira, não há maior monumento de lógica do que este”. As incoerências, contradições e absurdos que até hoje têm sido apontados na obra de Kardec não passam de deformações intencionais ou feitas por espíritos apaixonados. Foi por isso que Camille Flammarion, à beira do túmulo de Kardec, chamou-o de “o bom-senso encarnado”. E é por isso que insistimos sempre na necessidade de leitura

e estudo da obra de Kardec. Obra, aliás, que não é somente dele, mas também – e principalmente – dos Espíritos.

A leitura dos livros fundamentais do espiritismo é indispensável não só aos adeptos, como também aos adversários sinceros. Aqueles adversários que não querem jogar com sofismas, nem usar as armas fáceis da deturpação, precisam enfronhar-se dos princípios espíritas, para lutarem com lealdade contra eles. E os espíritas que realmente estejam a par da sua doutrina, não temem nem detestam os adversários. Primeiro, porque eles sabem que é dever do espírita respeitar a liberdade de consciência. Depois, por terem a demonstração histórica de que os adversários bem intencionados acabam rendendo-se à evidência da verdade, e os mal-intencionados nada mais fazem do que pôr lenha na fogueira do Espiritismo. Até hoje, os adversários têm sido úteis à doutrina. Quanto mais pregam e escrevem contra ela, mais auxiliam a sua propagação.

12 – Cristianismo do Cristo

A posição do Espiritismo no mundo atual é das mais curiosas. Certas pessoas o consideram tão elevado, tão puro, tão exigente no plano moral, que confessam: “Não posso me dizer espírita, pois ainda não atingi a perfeição necessária”. Outras, pelo contrário, sentem arrepios ao simples enunciar do nome da doutrina, pois entendem que Espiritismo é coisa diabólica, imoral, detestável. Entre os intelectuais, uns declaram enfaticamente: “Espiritismo é ciência; o vulgo não pode entendê-lo”. Outros, porém, o desprezam: “Nada tem de científico, pois é simples superstição, sem conteúdo e sem base”.

De vez em quando aparecem figuras de destaque, nos meios científicos ou clericais, revestidas de títulos pomposos, afirmando que os fatos espíritos não passam de trapaças ou de ocorrências de natureza puramente hipnótica. Escrevem livros, fazem conferências, dão entrevistas e chegam a praticar exposições hipnóticas em teatros e estações de televisão, para “provar” que o Espiritismo não existe. Ao mesmo tempo, figuras de destaque, inclusive nos meios clericais, reprovam essas atitudes e entendem que os fatos espíritos merecem maior atenção, maior cuidado no seu trato, não podendo ser confundidos com fenômenos comuns de sugestão e hipnotismo.

Em meio a essas contradições, o espírito do povo poderia sentir-se perplexo. Entretanto, o que se nota é que a perplexidade pertence mais às elites, pois o povo compreende pouco das altas disputas dos “doutores” e está acostumado a espetáculos de toda espécie. Longe de aceitar sugestões perturbadoras, o povo, na sua simplicidade e pureza de coração e entendimento, prefere decidir pela sua própria experiência e esta lhe mostra, dia a dia, que os

fatos espíritas são realidades inegáveis e que o Espiritismo é, antes de tudo, uma doutrina consoladora, que tanto socorre as necessidades do homem encarnado, quanto ilumina o espírito a respeito dos problemas que ele terá de enfrentar após a morte.

Essa curiosa situação do Espiritismo lembra exatamente o que aconteceu com o Cristianismo no mundo antigo. O apóstolo Paulo – que era um “apóstolo espiritual”, pois só se converteu e seguiu a Jesus graças a um fato mediúnico –, escreveu que os cristãos pregavam uma doutrina que era “escândalo para os judeus e loucura para os gregos”. Porque pregavam a Cristo crucificado, num mundo em que o importante era a vitória social do homem. E judeus, gregos e romanos, cheios de ambição e vaidade, apegados aos seus preconceitos religiosos e culturais, consideravam o Cristianismo uma heresia obscura e uma religião de escravos. Apesar disso, a mensagem cristã espalhou-se no meio do povo, produziu os seus efeitos e transformou o mundo.

Pouco importa que os poderosos de hoje, como Paulo antes do episódio mediúnico da Estrada de Damasco, cheios de sabedoria mundana, de ciência imprecisa ou de intransigência dogmática, lutem contra o Espiritismo. A doutrina nascente encerra em seus princípios todos os germes de um mundo novo, que em breve se firmará sobre a Terra. Traz com ela uma nova ciência, uma nova filosofia e uma nova religião. Sua força renovadora é, portanto, imensa e seu processo de penetração é o mesmo da fonte poderosa em que hauriu os seus princípios: o Cristianismo do Cristo, e não o dos seus intérpretes.

Não se inquietem, pois, os meios espíritas, com as ondas de combate à doutrina, que de vez em quando agitam o mundinho estreito do meio em que vivemos. Não se combate senão o que constitui uma ameaça, o que representa alguma coisa. O Espiritismo é combatido justamente por ameaçar os erros dominantes em todos os setores do pensamento contemporâneo, como o Cris-

tianismo combatia os do mundo antigo. Mas, na sua qualidade de prolongamento histórico, e portanto natural e necessário, do Cristianismo, possui o Espiritismo o mesmo impulso dinâmico que levou aquele à vitória.

A mensagem espírita, que é mensagem cristã renovada pelo Consolador, penetra sutilmente nas consciências e nos corações, pelo simples fato de corresponder plenamente aos mais profundos anseios das almas, nesta hora de transição da vida na Terra.

Porque um novo Céu e uma nova Terra estão sendo elaborados, segundo a profecia apocalíptica, e o Espiritismo é a mensagem nova do Cristo aos corações que sonham com um mundo melhor e mais belo. Não importa que haja os que esbravejam contra a alvorada nascente. O sol nunca pediu licença para nascer e iluminar o mundo. Não importa que haja vacilantes e inquietos. Os ventos novos de um novo dia sopram rajadas de coragem e serenidade, nos rumos do futuro.

13 – Da Magia ao Mito

Num curioso estudo comparativo sobre a vida e a obra de Mark Twain e Monteiro Lobato, o professor Cassiano Nunes, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, assinala o interesse dos dois escritores, o norte-americano e o brasileiro, pelo Espiritismo. E buscando uma explicação para esse interesse, em dois espíritos pragmáticos, voltados intensamente para a atividade prática, lembra uma observação de Otto Maria Carpeaux, quanto ao que pode haver de paradoxalmente materialista no interesse pelo Espiritismo.

Logo mais, analisando a posição de Lobato, nota Cassiano Nunes que ele entendia “o advento do Espiritismo como progresso da ciência.” Não era, pois, o sentimento religioso, mas o racionalismo materialista de Lobato que o levava a interessar-se pelos “fatos surpreendentes”. Algumas frases de Lobato provariam isso: “Um dia, esses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, serão conhecidos e fichados, como tantos da química”. Ou ainda: “Os compêndios de física trarão o capítulo novo da metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo novo da termodinâmica”.

A observação de Carpeaux, que vai correndo o mundo, pois já a vimos citada algumas vezes, precisa de melhor análise. Qual a razão do materialismo no interesse pelo Espiritismo, se este é exatamente a negação do materialismo? A razão estaria nos fatos materiais que demonstram a existência do espírito, ou seja, nos chamados fenômenos físicos do Espiritismo, como os “raps”, as materializações, a movimentação de objetos, as levitações. Mas a recíproca não prova o contrário? Pois o que os interessados buscam nessas manifestações materiais não é exatamente o espírito, a

prova da sobrevivência? Não é a demonstração da existência espiritual?

Muito mais de materialismo existe no espiritualismo formalista, que se traduz pelas formas de religião natural ou positiva.

Porque nesse espiritualismo, além dos fenômenos materiais, existem os símbolos materiais, cujo poder de concretização chega, em geral, a absorver o sentido espiritual. A evolução espiritual do homem, atestada pela História das Religiões, revela-nos esse processo dialético, através do qual o espírito humano se desprende da fascinação mágica primitiva para ligar-se às ideações mitológicas. Nosso espiritualismo religioso, que tem sempre uma acusação de materialismo para os processos espirituais diferentes, está densamente impregnado de magia e mitologia. Sacramentos, objetos sagrados, instrumentos de culto, efígies, medalhas e imagens, ídolos, constituem o seu complicado aparelhamento material.

O Espiritismo, ao contrário disso, não admite o culto material, a adoração idólatra, o apego às fórmulas mágicas. Na mesma linha da evolução religiosa a que nos referimos acima, o Espiritismo se situa numa fase superior à do monismo hebraico.

Aceitando a mensagem cristã “em espírito e verdade”, o Espiritismo afasta deliberadamente o acervo material do espiritualismo antigo, para que o homem possa voltar-se livremente em direção ao espírito. Os fenômenos psíquicos pelos quais se interessa não têm sentido mágico, nem religioso, mas científico. São encarados como fatos naturais, e não sobrenaturais. Fatos que servem para demonstrar a realidade espiritual no próprio plano do material, pois este nada mais é do que uma consequência daquela.

Haverá, por exemplo, maior tendência materialista no interesse por um fenômeno de materialização, do que no interesse pelo ato mágico da consagração de um objeto, no qual o próprio Deus “é obrigado” a materializar-se, para que o homem o absorva em

forma de alimento? Bastaria este exemplo, para mostrar a falta de fundamento, e até mesmo a injustiça que estigmatiza a observação de Carpeaux. O interesse pelo Espiritismo nada tem de materialista, nem de paradoxal. É uma consequência natural da evolução do homem, que a partir do materialismo primitivo, vai se libertando pouco a pouco daquilo que Huntersteinem chamou “a filosofia do mito”, para racionalmente buscar a espiritualidade, nos próprios processos da vida. Veja-se o contraste: o Espiritismo atrai pela evidência dos fenômenos psíquicos, enquanto o Espiritualismo tradicional atrai pela materialização do psíquico no formalismo religioso, materialização que resulta numa “fisiologia do mito”.

Quanto à posição de Lobato, impregnada de interesse científico, está de pleno acordo com o próprio sentido do Espiritismo. No seu livro “A Gênese”, logo no primeiro capítulo, Kardec esclarece o motivo porque o Espiritismo só apareceu em meados do século XIX: porque era necessário o desenvolvimento das ciências para lhe preparar condições. Kardec faz mais: afirma, em “O Livro dos Espíritos”, aquilo mesmo que Lobato afirmava, ou seja, que o Espiritismo é o desenvolvimento natural da ciência. Mas, precisamente por ser um desenvolvimento, não é simples prolongamento do materialismo científico. É, pelo contrário, o rompimento desse materialismo, para que a ciência se espiritualize.

As comparações de Kardec correspondem bem às de Lobato. O problema espiritual, envolto nas névoas do mágico e do mitológico, deve racionalizar-se, na era nova que surge a partir do Renascimento. Racionalizar não é materializar, mas espiritualizar. A razão se sobrepõe à matéria, é ação do espírito sobre a matéria. Basta nos lembrarmos de Hegel, para compreendermos isso. Racionalizar o problema espiritual é depurá-lo da ganga grosseira da superstição primitiva. É libertá-lo das formas materiais da magia e idolatria, desembaraçá-lo do misticismo alegórico, em

que as alegorias, formas de comparação do espiritual com o material, impedem a verdadeira compreensão espiritual.

Carpeaux poderia dizer que as fórmulas mágicas do chamado “baixo-espiritismo” contradizem o que estamos afirmando. Mas, nesse caso, teríamos de lembrar que o Espiritismo é uma doutrina racional, não uma prática religiosa de tipo sincrético, segundo pretendem os seus adversários. O chamado “baixo-espiritismo” nada tem de Espiritismo. É simplesmente a forma larvar das chamadas religiões positivas.

14 – O Velho e o Novo

Os brutais acontecimentos da África do Sul, daquela mesma África sofredora e heróica que transformou Gandhi, de advogado do hindu em apóstolo universal da não-violência, vêm provar, mais uma vez, a tese espírita de que vivemos num mundo semipagação. É inútil querer-se proclamar o contrário, falar de boca cheia em civilização cristã. Não chegamos ainda ao grau suficiente de espiritualidade, de elevação moral, para vencermos o passado brutal da humanidade que o Cristo veio reformar. A violência dos babilônios, dos egípcios, dos gregos e romanos, dos bárbaros que derrubaram o Império e dos cristãos que o sucederam, acendendo fogueiras humanas em honra a Cristo, essa terrível violência que era também a dos judeus, com seu sanguinário deus dos exércitos, continua a imperar no mundo que insistimos em chamar de cristão.

São ainda recentes os massacres nazistas. É de ontem a invasão traiçoeira da Abissínia numa sexta-feira da paixão, por um país católico, onde se ergue a sede oficial do cristianismo. É de hoje a tragédia cubana, com as atrocidades anteriores a Fidel e os fuzilamentos deste. Entretanto, com exceção dos nazistas, todos os demais agiram brutalmente sob a denominação de cristãos. Agora mesmo, os assassinos de Sharpville, na África, estão convencidos de que defendem a civilização cristã. E tudo por que? Porque o Cristianismo com “C” maiúsculo é ainda um processo em desenvolvimento, é uma forma nova de vida, um novo modo de ser, que luta em todos nós contra o “homem velho”, esse antropóide selvagem que aprendeu a persignar-se, mas continua feroz.

Jesus se comparava ao semeador, distribuindo na terra vasta do mundo as sementes da boa-nova. E como semeador, conhecia tão bem o processo da semeadura e da germinação, que anunciou as vicissitudes por que a seara passaria, no seu desenvolvimento. Vemos no Evangelho de João, capítulos 14 e 16, como Ele anuncia a necessidade de um Consolador, que viria à Terra no momento preciso, quando o homem estivesse mais apto a suportar a verdade cristã, para restabelecer o seu ensino e ensinar ainda o que não lhe fora possível ensinar no seu tempo: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; mas, quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará a toda a verdade.”

No século XIX a promessa se cumpriu, com a III Revelação, o advento do Consolador, do Espírito da Verdade, cujos ensinamentos renovadores se consubstanciam no Espiritismo. Ainda teremos, portanto, que trabalhar muito em nossa mente e em nosso coração, para que a obra cristã se complete na Terra e possamos realmente ter uma civilização cristã.

Outra expressão de Jesus, que revela o seu perfeito conhecimento das dificuldades de sua missão, é a que se refere à porção de fermento que se põe numa medida de farinha, para levedá-la. O fermento leveda a massa de farinha, misturando-se a ela. Assim está agindo o Cristianismo, desde que Jesus semeou no mundo as suas divinas sementes. O fermento cristão levedou a farinha do mundo, modificou a estrutura social da antiguidade, transformou a concepção humana da vida, mas ainda se apresenta misturado com os terríveis resíduos do passado. Há igrejas cristãs que defendem o princípio anticristão do assassinato individual ou coletivo. Há ministros cristãos que pregam a extinção dos hereges e lutam “cristãmente” pela pena de morte.

A História nos mostra o Cristianismo como um movimento ideológico a desenvolver-se por etapas. A princípio, vemo-lo em

sua pureza primitiva, nos tempos apostólicos e imediatamente pós-apostólicos; depois, vemo-lo misturar-se com os sistemas, os rituais, a idolatria das religiões mitológicas, transformando-se mesmo numa mitologia disfarçada; mais tarde, vemo-lo revoltar-se contra os elementos pagãos que o desfiguram e arrojá-los em parte do seu corpo, através da Reforma; e mais adiante, com o advento do Espiritismo, vemo-lo, afinal, esplender em sua integridade e pureza, como religião psíquica ou espiritual, segundo a expressão feliz de Conan Doyle, para libertar o homem da herança pesada de outros tempos. Quando os princípios espíritas iluminarem a maioria das consciências, o processo cristão se completará na Terra e teremos então a verdadeira civilização cristã.

Porque não basta crer na imortalidade: é preciso saber que ela existe e, sobretudo, compreendê-la através da lei da reencarnação. A idéia cristã de Deus como Pai só pode completar-se, realizando toda a sua significação universal, quando a idéia espírita da reencarnação provar a todos os homens o absurdo dos divisionismos raciais. Somente assim, à luz da III Revelação, os homens compreenderão o verdadeiro sentido da fraternidade cristã e poderão vencer o “homem velho”, para que o “homem novo” do Evangelho triunfe sobre a Terra.

15 – A Seara Imensa

O Cristianismo é seara imensa, de trabalho e de amor, em que as almas laboram através do tempo, semeando e colhendo sem cessar. Passam as gerações, sucedem-se as civilizações, e a seara verdejante amadurece, preparando a colheita de vida eterna, para o futuro do mundo efêmero. Tão grande é ela, tão vasto e fecundo o seu seio, tão amplos os seus horizontes, que os homens se aturdem ao contemplá-la, fixam-se em pequenos detalhes, prendem-se a pormenores do plantio, absorvem-se em cuidados de reduzidos tratos de terra. Não raro, chegam a considerar inimigos os próprios companheiros de trabalho, somente por se encontrarem noutros pedaços de chão, ou por desenvolverem tarefas diferentes, no grande labor da seara. Apesar disso, o tempo vai passando e a seara amadurece. A poderosa seiva que a alma não leva em conta a miopia humana.

A princípio, o Grande Semeador saiu a semear. Depois, reuniu os que se interessam pelo seu trabalho e os espalhou pelas terras da herança. Mais tarde, os sucessores foram reunindo outros trabalhadores e a luta cresceu cada vez mais. O aumento dos homens determinou, como sempre acontece, a divisão do trabalho. Uns entenderam que deviam transformar a seara natural numa grande fazenda artificial, com a casa grande imitando o templo de Jerusalém, com guardas armados para defendê-la, com disciplina rigorosa e vigilância permanente nas fronteiras. Outros entenderam que não devia ser assim, e surgiram contendas e guerras, ficando esquecido o trabalho da seara. Mas o Grande Semeador esperou tranqüilo, pois a semente lançada no solo germinava sempre, apesar da miopia dos homens.

Chegou, certa vez, o tempo da florada. A seara crescera e estendera-se pelas terras da herança. Pendões verdes balouçavam a todos os ventos do mundo. As flores tinham de surgir. E foi então, em plena Renascença, que a Reforma brilhou em meio à seara, reivindicando os direitos dos que se haviam oposto, nos tempos antigos, ao monopólio dos serviços cristãos. A Reforma se ergueu contra o formalismo tradicional e desentranhou as páginas sagradas dos arquivos canônicos. Os textos evangélicos enfloraram a seara. Todos puderam lê-los de novo, sentir pessoalmente as suas pulsações da vida espiritual, interpretá-los com a luz própria que Deus concedeu a todas as criaturas. Mas em breve as flores tiveram, também, os seus cultores exclusivistas. Do antigo formalismo ritual, passaram eles ao formalismo literal. À maneira dos velhos rabinos judeus, que de uma vírgula da Torá conseguiram tirar dez sentenças, os literalistas proclamaram o absolutismo de letra. Ai dos que se opunham aos exegetas autorizados, ai dos que se atreviam a entender que os velhos textos nada mais eram do que a roupagem do Espírito, o anúncio dos frutos vindouros! Mas o Grande Semeador continuou esperando tranqüilo, pois apesar de tudo a seara amadurecia.

Por fim, as flores começaram a dar lugar às primeiras espigas, que repontavam tímidas, verdolengas, anunciando esperanças, nos próprios meios da Reforma: primeiro, foi Swedenborg, com a sua Nova igreja de Jerusalém, anunciando a revivescência do espírito; depois, Edward Irving, cura da igreja escocesa, que leva para Londres o problema das comunicações espirituais; depois, as manifestações mediúnicas dos Shakers, nos Estados Unidos, seguidos logo mais dos fenômenos de Hydesville, com as meninas da família Fox, num lar metodista; depois, o rev. Ferguson, da igreja de Nashville, no Tenesse, freqüentada por Lincoln, que leva para a Inglaterra os irmãos Davenport, divulgando seus poderes mediúnicos, depois o rev. Stainton Moses, que desenvolve sua poderosa mediunidade; o rev. Vale Owen, que se torna médium; e

os reverendos Arthur Chambers, de Broockenhurts; Charles Tweedale, de Weston, Yorkshire, e tantos outros, que proclamam a volta das Vozes do Além.

Por fim, Kardec recebe a Terceira Revelação e as espigas maduras começam a ser colhidas em todo o mundo. A seara imensa devolve, a cento por um, apesar das incompreensões de muitos de seus trabalhadores, as sementes que o Grande Semeador saíra a semear. O Espiritismo, cheio de compreensão, de luz e fraternidade, dá cumprimento à Promessa do Consolador, iniciando a fase final do Cristianismo, para o advento anunciado do Reino de Deus na Terra.

16 – Método e Bom-senso

Entre aquelas doutrinas espiritualistas que tudo explicam e aquelas que tudo afirmam, o Espiritismo se apresenta como região intermediária. Não pretende dar explicações para todas as coisas, nem construir um castelo de afirmações dogmáticas. Seu objetivo não é o proselitismo a todo custo, nem a satisfação da curiosidade ou da imaginação, e muito menos o domínio das consciências. Pelo contrário: é a busca da verdade espiritual, através do bom-senso, no campo raso da observação e da experimentação.

Doutrinas que tudo explicam, desde a maneira por que Deus constrói os mundos, até as minúcias da fisiologia do corpo espiritual, existiam no mundo muito antes da codificação espírita. Doutrinas autoritárias, que tudo afirmam e tudo impõem, sob ameaças terrenas e celestes, dominaram a Terra desde os primórdios da civilização. Mas doutrinas que procuram a verdade, dentro dos limites da razão, com plena consciência das limitações humanas, só apareceram quando o homem começou a compreender a si mesmo.

Kardec explica, em “A Gênese”, com a clareza didática que caracteriza as suas obras: “O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia aparecer, portanto, depois da elaboração delas”. Noutro trecho, que como esse pertence ao primeiro capítulo do livro, diz o codificador: “Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente como as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas. Ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às

causas, chega às leis que os regem. Depois, deduz as suas consequências e busca as suas aplicações úteis.”

O Espiritismo é, pois, aquilo que podemos chamar de Espiritualismo Científico, em oposição ao Espiritualismo Utópico dos tempos anteriores. No plano da utopia, tudo é permitido. Pode dar-se largas à imaginação, ao sonho, ao devaneio. No plano da realidade, temos de enquadrar nossas aspirações de saber dentro dos limites do possível. Francis Bacon já dizia, no alvorecer da nossa era científica: “Chumbo e não asas devemos por no espírito.” Chumbo não para prendê-lo ao chão, mas para ligá-lo ao real, evitando os vôos da imaginação. Por isso mesmo, quando Kardec pediu aos Espíritos uma definição de Deus, estes lhe responderam que não entrasse num labirinto do qual não poderia sair.

Muitas pessoas, atraídas pelos fenômenos espíritas, iniciam-se na doutrina com demasiada sede de conhecimentos espirituais. Dentro em pouco, manifestam-se insatisfeitas com a doutrina. Admiram-se de que o Espiritismo não cuide do desenvolvimento de faculdades psíquicas extraordinárias, contentando-se com o problema mediúnico, assim mesmo dentro dos limites que consideram estreitos. Pensam que o Espiritismo devia ser uma espécie de ciência do absoluto, avançando além das fronteiras da teologia, do ocultismo e coisas semelhantes. Acabam entregando-se aos devaneios de teorias várias, na ilusão de estarem mais próximas da verdade.

Não condenamos essas teorias, nem essas pessoas. Cada coisa tem o seu lugar, no quadro geral da evolução. Mas devemos explicar a nossa posição e a razão de ser da atitude espírita. Os que desejarem voar, que batam livremente as asas de sua imaginação nos céus da utopia. Mas o Espiritismo não pode fazê-lo, porque a sua natureza é científica e o lugar que lhe compete não é na região dos sonhos, mas no plano do conhecimento positivo. E quando falamos de ciência, não é no antigo sentido filosófico, mas no

moderno sentido, determinado pelo método experimental. Não é de ciência aristotélica, mas de ciência galiléica.

Quando compreendemos esse sentido do Espiritismo, captando a sua verdadeira significação, colocamos de lado a inquietação natural que nos leva a aceitar muitas mistificações como “progressos da doutrina”. Entendemos então que a doutrina só pode progredir dentro dos princípios metodológicos de Kardec. Há cem anos o codificador estabeleceu esses princípios, que continuam válidos, porque ninguém, até agora, apresentou nada melhor. Se na sociologia, por exemplo, a metodologia de Durkheim pôde ser ultrapassada, foi porque a nova ciência evoluiu com rapidez. No tocante ao Espiritismo, em razão da própria complexidade do objeto, não se deu a mesma coisa.

As regras metodológicas de Kardec não estão superadas e têm de ser observadas com rigor, se não quisermos voltar para trás, mergulhar novamente na fase do espiritualismo utópico. Muitas das “novas revelações” que estão sendo aceitas no meio espírita nada mais são do que formas de retrocesso. E é por isso que temos de intensificar, como aconselha Emmanuel, o estudo sistemático das obras da codificação, nas agremiações doutrinárias.

17 – Kardec, o Demiurgo

A existência dos fenômenos espíritas remonta aos inícios da vida humana na Terra. Desde que o homem surgiu no planeta, com ele surgiram os fatos que hoje constituem o que habitualmente chamamos fenomenologia espírita. É claro que tinha de ser assim, uma vez que os referidos fenômenos decorrem de leis naturais. mas é também evidente que foi a partir de meados do século XIX que os fatos espíritas se impuseram à consciência humana, na plenitude de sua significação. O século XIX é, portanto, aquele em que se assinala o aparecimento do Espiritismo.

Por duas maneiras a nova doutrina se impôs ao mundo: primeiramente, através do episódio mediúnico de Hydesville, nos Estados Unidos, com as irmãs Fox; e dez anos mais tarde, com os estudos e os livros de Allan Kardec, em Paris. Os fatos de Hydesville provocaram verdadeira revolução mental nos Estados Unidos, dando origem a numerosas experiências, realizadas com êxito por homens eminentes da vida americana, chamando particularmente a atenção dos cientistas, e originando as primeiras tentativas de formulação teórica, com os livros de André Jackson Davis. Da América, o interesse pelo assunto se propagou a toda a Europa, dando início ao ciclo das “mesas girantes”. E destas, afinal, surgiu o interesse de Kardec pelo problema.

Durante muito tempo o Espiritismo esteve dividido em duas grandes correntes: a anglo-saxônica, proveniente da América e amplamente desenvolvida na Inglaterra, e a francesa, que tendo Kardec à frente, se desenvolveu na Europa Continental e, mais particularmente, nos países latinos. A primeira corrente caracterizava-se, como ainda hoje se caracteriza, pela falta de uma base doutrinária bem estruturada, daí derivando o seu movimento de

constante oscilação entre a tendência religiosa de tipo eclesiástico e a tendência científica de tipo materialista. Essa corrente gerou as igrejas espíritas de estilo protestante e as associações de pesquisa psíquica, as primeiras impregnadas de influências teológicas e as segundas de prejuízos materialistas. Não é de estranhar que o Espiritismo anglo-saxônico tenha rejeitado a reencarnação, até que extraordinários fatos mediúnicos, comprovando esta lei fundamental, a impuseram aos homens mais esclarecidos. A corrente francesa caracteriza-se por uma base teórica perfeitamente estruturada na chamada Codificação Kardeciana, constituída pelos livros que Allan Kardec escreveu, por ordem e sob ditado e orientação dos Espíritos Superiores, integrantes da Falange do Consolador.

A corrente anglo-saxônica representa a fase inicial de desenvolvimento do Espiritismo, que dez anos mais tarde iria se definir na França em sua verdadeira significação. Foi somente com Kardec que o Espiritismo tomou forma e corpo, recebendo, inclusive, o nome doutrinário por que hoje o conhecemos. Antes da publicação da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, a própria denominação do novo movimento era vaga e imprecisa: Neo-Espiritualismo. Kardec foi quem criou a palavra “Spiritisme”, para com ela dar um nome exato, uma designação precisa à nova doutrina. Historicamente, portanto, o Espiritismo surge com Kardec, em cuja obra adquire contornos definidos e se apresenta ao mundo como uma doutrina espiritualista bem estruturada e poderosamente fundamentada. Kardec é, por assim dizer, o demiurgo da nova era, o que tomou em suas mãos a matéria dos fatos para com ela modelar um novo mundo.

É natural que esse vasto processo, ao mesmo tempo tão complexo e tão recente, do aparecimento e desenvolvimento do Espiritismo, ainda não seja bem compreendido, não raro até mesmo por espíritas ilustres. Mas o tempo se incumbirá de ajustar as

coisas, como dizia o próprio Kardec. Ainda hoje se tenta opor uma corrente à outra, como se tenta opor religião e ciência na compreensão da doutrina, dentro mesmo dos quadros da Codificação, onde o Espiritismo apresenta uma estrutura poderosamente coerente, na sua forma tríplice de ciência, filosofia e religião.

Pouco a pouco, porém, a nova doutrina vai sendo mais bem compreendida. As divergências formais, como previa Kardec, estão sendo superadas pela prevalência inevitável da verdade.

18 – Religião Reconstruída

“Como pode ser o Espiritismo, ao mesmo tempo, ciência, filosofia e religião? que mistura é essa?” pergunta-nos um leitor. Esta pergunta é repetida por muitas pessoas, que não entendem o problema das *relações necessárias* entre os vários ramos do conhecimento.

Sim, dissemos exatamente isso: *relações necessárias*. E é dessa necessidade natural do conhecimento – não do Espiritismo em si, como coisa isolada ou “sui-generis”, mas do próprio conhecimento – que resulta a natureza tríplice da doutrina. Já lembramos diversas vezes as afirmações de Léon Denis, de sir Oliver Lodge e do próprio Kardec, quanto ao sentido de síntese do conhecimento, que o Espiritismo apresenta. Esse sentido de síntese, ao mesmo tempo revela e explica a natureza tríplice da doutrina.

Seria inútil invocarmos as longas discussões filosóficas a respeito das formas do conhecimento e suas possíveis relações. O que nos interessa é a visão do problema no plano histórico, onde os fatos nos mostram o conhecimento a se desenvolver progressivamente da religião até a ciência, passando pela filosofia. Por mais simplista que pareça esse esquema, não se pode negar a sua realidade histórica, e ela basta para demonstrar que a unidade do espírito não pode ser quebrada por nenhuma teoria dos valores. A religião, em suas formas primárias, é a matriz do conhecimento. Dela derivam, por desenvolvimento do espírito crítico, a filosofia e a ciência.

Esse esquema se inverte no Espiritismo, em virtude daquilo que podemos chamar a lei circular ou cíclica da evolução. Atingido o plano do conhecimento científico, e realizando-se neste plano, o espírito “se dobra sobre si mesmo”, para da ciência extra-

ir novamente a religião. No “estado positivo” de Augusto Comte, a aridez conceptual força o homem a um regresso até as fontes vitais do espírito. E é exatamente o esquema dessa volta que encontramos na História do Espiritismo. No momento em que a ciência destruiu a religião, através da crítica filosófica e das pesquisas empíricas, o pensamento se reconstrói a si mesmo, recompõe a sua unidade natural, com base na própria ciência.

Temos nesse fato uma confirmação da lei dialética da “negação da negação”. A religião espírita nasce da ciência negativista, para negá-la também. Estamos diante de um tipo diferente de religião, inteiramente novo, que se apóia, não nos “valores religiosos” de que fala Hessen, ou na “essência religiosa”, a que se alude Max Scheller, mas nos valores lógicos. Partindo destes, o espírito reencontra os valores éticos e reelabora os valores religiosos. É assim que, da demonstração empírica da sobrevivência, ou seja, da ciência positiva, surge a reflexão filosófica que reconduz o homem à religião.

Os ramos do conhecimento são autônomos, constituindo-se de valores próprios, mas integram um todo e por isso mesmo se relacionam necessariamente. Essas relações se tornam evidentes no processo histórico do desenvolvimento do Espiritismo. O homem descrente exige a demonstração positiva da existência da alma para reconstruir a sua unidade espiritual. A ciência espírita lhe oferece essa demonstração; a filosofia espírita examina e comprova a sua validade; a religião espírita a confirma na prática.

Esse processo não se realiza no espírito que aceita a religião espírita em sua forma acabada. Mas essa aceitação confirma a validade da “religião reconstruída”, mostrando que ela realmente se constitui de “valores religiosos” tão legítimos como os das demais religiões, não obstante se apóie nos valores lógicos. É o que Kardec chama “a fé iluminada pela razão”, o velho ideal da

escolástica, só possível, entretanto, como o demonstra a História do Espiritismo, após o desenvolvimento científico.

19 – Filosofia de Vida

O Espiritismo é, acima de tudo, uma filosofia de vida, uma concepção do universo, do homem e da vida, que deve ser integralmente compreendida pelo adepto, para que ele possa realmente viver como espírita. As pessoas que freqüentam práticas mediúnicas sem conhecimento doutrinário não compreendem o que seja o Espiritismo. Da mesma maneira, os intelectuais que se apegam apenas aos estudos científicos da doutrina, esquecidos de suas inevitáveis conseqüências religiosas, desconhecem o Espiritismo em sua totalidade.

O verdadeiro espírita, como dizia Kardec, não se satisfaz apenas com os fenômenos mediúnicos, nem tampouco com a freqüência a trabalhos práticos. Os fenômenos são elementos importantes, que comprovam a realidade da sobrevivência. Mas o fato mesmo de comprovarem essa realidade está naturalmente indicando as suas conseqüências. Ao verificar a existência dos fenômenos, o observador consciencioso procura compreender o que disso resulta. E é claro que, ao compreendê-lo, penetra imediatamente numa zona de responsabilidade moral e de sentimento religioso, zona em que se passa o destino do ser após a morte.

Ao ver, através dos fenômenos mediúnicos, que a alma sobrevive ao corpo, o estudioso do Espiritismo se coloca imediatamente em face do problema da vida espiritual. Esse problema é inevitavelmente religioso. Inútil, pois, querer negar-se o aspecto e até mesmo o sentido religioso da doutrina espírita. O Espiritismo se torna religião no mesmo instante em que os fatos espíritas, os fenômenos mediúnicos, cientificamente verificados e comprovados, impõem ao raciocínio as suas conseqüências. Desde que há

uma vida fora do corpo, além da matéria, é evidente que existe uma hierarquia de seres espirituais além da terra.

Como esquivar-se alguém a essa conclusão e às suas implicações?

Da mesma maneira, como pode o pensamento religioso, que encontra a sua comprovação nos fenômenos espíritas, negar a validade e a importância destes? Como pode o espírita religioso furtar-se à verificação dos fatos mediúnicos, sem negar, com isso, as próprias bases da sua religião, ou pelo menos desprezá-las? Não há, pois, como separar-se uma coisa da outra. No Espiritismo, tanto importam os fenômenos quanto as suas conseqüências filosóficas, morais e religiosas. O espírita que realmente compreende a sua doutrina não pretende fragmentá-la, mas, pelo contrário, defende constantemente a sua integridade.

Quando tratamos, entretanto, das conseqüências filosóficas dos fenômenos espíritas, não estamos escapando do terreno da religião? Quando cuidamos de moral, não estamos num terreno prático, em que as normas da vida, no plano terreno ou no espiritual, se impõem por si mesmas, sem necessidade de atitudes místicas? Assim pensam alguns estudiosos, voltando-se contra o que chamamos de religião espírita. Entretanto, a interpretação dos fenômenos, a reflexão sobre os fatos mediúnicos, leva inevitavelmente à convicção de que existem poderes espirituais superiores, e de que as relações do homem com esses poderes se passa no plano das vibrações psíquicas, ao mesmo tempo de ordem mental e emocional. E eis que nos encontramos no plano da religião, da crença e da prece.

A crença espírita, porém, como assinalava Kardec, não é cega ou imposta pela autoridade, e nem mesmo pela tradição. É a crença consciente, iluminada pela razão. Creio porque sei, diz o espírita. E a fé decorrente dessa posição é aquilo que Kardec considera: “fé iluminada pelo raciocínio”, ou ainda: “capaz de encarar a

razão em qualquer etapa da evolução”. Vemos assim que o Espiritismo exige dos seus adeptos uma compreensão integral dos seus princípios. Somente assim os adeptos poderão aplicar a si mesmos a filosofia de vida decorrente do Espiritismo, filosofia que se traduz em moral ou ética na vida terrena, e em religião nas relações com a vida espiritual.

20 – O Complexo e a Caridade

Enganam-se os que pensam que basta freqüentar sessões num centro espírita para ser espírita e poder discutir Espiritismo. Enganam-se ainda mais os que pensam que podem conhecer a doutrina através de comunicações dos “guias”. O Espiritismo é uma doutrina que envolve, como dizia Kardec, princípios referentes a todas as ciências, pois que toca simultaneamente em todos os ramos do conhecimento. Daí a sua característica, tão mal compreendida e tão ironicamente combatida por adversários diversos, de doutrina tríplice, envolvendo no seu todo doutrinário a ciência, a filosofia e a religião. Como, pois, conhecer uma doutrina dessa natureza, sem estudá-la a fundo, sem ler atentamente as suas obras fundamentais?

Kardec, Léon Denis e Oliver Lodge afirmaram que o Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento. É uma doutrina que reúne em si os resultados da investigação científica, da cogitação filosófica e do sentimento religioso, na busca da compreensão do universo e da vida. Isso quer dizer, não que o Espiritismo represente uma espécie de enciclopédia, o que seria absurdo, mas que ele encerra na sua estrutura e visão global do mundo e da vida, obtida pelo homem através daqueles ramos do saber humano. O caráter sintético do Espiritismo não é conseqüência de um esforço intencional nesse sentido, mas o resultado natural da evolução dos conhecimentos humanos, que tendem naturalmente a uma síntese conceptual.

Quando compreendemos essa posição excepcional do Espiritismo, admiramo-nos da facilidade com que certas pessoas, às vezes dotadas de cultura, se referem a ele, para formulação de críticas levianas e sem sentido. Mas ainda nos admiramos da

atitude de pessoas que, mal ingressaram no movimento doutrinário, já se consideram capazes de discutir problemas da doutrina, como se fossem velhos estudiosos do assunto. Só não podemos nos espantar, evidentemente, com os adversários, pois que esses, firmados em preconceitos, fecharam os olhos e os ouvidos a qualquer entendimento. Entretanto, as pessoas de cultura deviam ter mais cautela ao se referirem à doutrina.

Há pouco, em um dos nossos jornais diários, comentando a campanha da construção de um hospital espírita para doentes mentais, em Jaú, escrevia um colunista que devia tratar-se de um caso de complexo de culpa. E para justificar a sua tese, a sua possível descoberta, em termos de possível interpretação psicanalítica, citava alguns autores: Blavatsky, que era contrária ao Espiritismo, e mais dois pesquisadores, que admitiam a possibilidade de perturbações psíquicas provenientes de práticas espíritas. Não há, entretanto, nenhuma novidade nessa tese, que é tão velha quanto o próprio Espiritismo. Já em “O Livro dos Espíritos”, obra fundamental da doutrina, Kardec tratou do assunto, demonstrando a má fé dos que a acusam de produzir desequilíbrios. O interessante é que a própria psicanálise, em que o colunista se apóia, é também acusada de transtornar os que a ela se dedicam. Tão infundada, é claro, uma acusação, quanto a outra. Kardec explica, com aquele admirável bom-senso que falta a tanta gente – apesar da distribuição equitativa de Descartes –, que todas as preocupações profundas podem desequilibrar as pessoas já naturalmente propensas ao desequilíbrio, desde as matemáticas até aos estudos de qualquer religião.

A fundação de hospitais espíritas não decorre da verificação de casos de desequilíbrio nos trabalhos doutrinários. Muito pelo contrário, decorre da procura desses trabalhos pelos doentes mentais, em geral desenganados pela ciência e sem possibilidades de recursos em suas religiões. Os espíritas, acusados de “fabricarem”

loucos, têm sido, neste país e no mundo inteiro, os maiores e mais eficientes curadores de desequilíbrios mentais e psíquicos. E tanto assim, que a maior rede de hospitais para doentes mentais em nosso Estado foi construída pelos espíritas. O hospital de Jaú será mais uma unidade dessa rede maravilhosa, em que os doentes mentais, graças ao Espiritismo, se livram dos internamentos dolorosos e sem fim das clínicas materialistas. Não é um complexo de culpa, mas o lema da doutrina, que leva os espíritas a cuidarem do assunto: “Fora da caridade não há salvação”.

As pessoas que desejarem saber por que motivo os espíritas de Jaú estão fundando mais esse hospital, e por que motivo os de Franca, Marília, Amparo, Itapira, Rio Preto, Penápolis, São Paulo e outras cidades do nosso Estado, fora as de outros Estados, fundaram hospitais para doentes mentais, deverão ler o livro de Bezerra de Menezes, o “médico dos pobres”, intitulado “A Loucura sob Novo Prisma”, ou os livros de Inácio Ferreira, médico do sanatório Espírita de Uberaba, intitulados “Novos Rumos à Medicina”, ou ainda as famosas experiências do professor Karl Wickland, de Chicago, reunidas em seu livro “Trinta Anos Entre os Mortos”. Não é a psicanálise que explica o interesse dos espíritas por esse doloroso problema: é o fracasso da ciência materialista, no tratamento da maioria dos casos de desequilíbrios mentais e psíquicos.

Vemos, assim, como o Espiritismo confirma, na prática, a sua natureza de doutrina tríplice. Das simples reuniões religiosas nos Centros Espíritas, os adeptos da doutrina são forçados a passar ao campo da ciência, com a fundação dos grandes hospitais que estão hoje solucionando um dos mais graves problemas sociais em nosso país. Pena que todo esse esforço dos espíritas não consiga comover os que, sem conhecerem a doutrina, se julgam no direito de acusá-la.

21 – O Que é Mais Fácil

Pergunta-nos um leitor por que motivo não respondemos, no que temos escrito sobre a reencarnação, o argumento apresentado por um opositor, de que esse princípio é simplesmente cômodo, servindo para os que desejam protelar a regeneração. É fácil responder: porque o argumento do opositor é absurdo. Dizer que é cômodo aceitar as conseqüências da lei de causa e efeito, através da reencarnação, é não conhecer essa lei. De nossa parte, poderíamos dizer que o comodismo está no lado contrário, nos que negam a reencarnação, querendo furtar-se a ela. Sim, pois é bem mais fácil viver apenas uma vez, do que muitas vezes, tanto mais quando, em cada existência, temos de sofrer as conseqüências da anterior.

Bem sabemos que o argumento do comodismo se refere ao problema da regeneração imediata. O comodismo estaria em aceitarmos o princípio da reencarnação como uma forma de deixarmos as coisas para mais tarde. Isso, entretanto, só pode ocorrer a quem não tenha a menor compreensão do princípio em causa. Porque o princípio da reencarnação é dinâmico e não estático, exige esforço próprio e contínuo, aproveitamento incessante das oportunidades da vida, para elevação espiritual. O reencarnacionista sabe, antes de tudo, que se não aproveitar a sua nova encarnação, estará sujeito às penas do remorso na vida espiritual e às dolorosas existências de resgate, em novas encarnações, cheias de dificuldades.

Não há, portanto, entre os reencarnacionistas, lugar para comodismos espirituais. E o curioso é que os próprios opositores, lançando mão desse falso argumento, se contradizem flagrantemente, pois sempre nos acusam de querermos obter a salvação por

conta própria. Chegam mesmo a falar em vanglória, ou seja, que o princípio da reencarnação nos leva ao perigo de nos vangloriar-mos de nossos esforços. Ora, de duas, uma: ou somos comodistas, ou somos esforçados. Como se vê, não há qualquer fundamento nessa alegação de comodismo, que só é feita em desespero de causa, quando faltam argumentos ao opositor. Da mesma forma, não há fundamento no argumento da vanglória, uma vez que nosso esforço de transformação moral tanto existe no caso da reencarnação, quanto no da regeneração. Num caso e noutro, a vontade terá sempre de agir.

Por outro lado, temos ainda de considerar que o comodismo dos reencarnacionistas deveria ser provado concretamente, através de exemplos. E quem se atreveria a afirmar que os reencarnacionistas são mais apegados aos vícios do que os outros, os que crêem no princípio da unicidade de existência? Para demonstrar o contrário, seria bastante a comparação numérica. E isso, no nosso mundo ocidental, seria inteiramente desfavorável aos opositores da reencarnação.

Como se vê, o argumento do comodismo reencarnacionista é inteiramente destituído de fundamento e até mesmo de senso. Não queríamos perder tempo e espaço com uma discussão dessa ordem. Mas, uma vez que o prezado leitor se interessou pelo assunto, é possível que outros também tenham se preocupado com o nosso silêncio a respeito. Da mesma maneira, se não temos tratado de outros aspectos do problema, levantados aqui e ali, por alguns opositores, é em virtude da inconsistência dos argumentos, facilmente refutáveis. Entretanto, estamos sempre às ordens dos amigos leitores, para esclarecer esses aspectos.

No tocante ao sentido reencarnacionista dos Evangelhos, é natural que os espíritas sejam contraditados pelos demais cristãos. O Espiritismo conhece e respeita os pontos de vista contrários, mas sustenta a sua posição, por considerá-la bem fundamentada.

Seria justo que, embora contradizendo-o, os opositores também respeitassem o Espiritismo. É contraditória a atitude dos que defendem a própria religião atacando e criticando as demais. O primeiro princípio de toda religião realmente digna desse nome é o amor, que exige, pelo menos, o respeito ao próximo.

22 – Heranças Tribais

O estudo espírita do problema religioso nos revela a existência de numerosas heranças da era tribal nas instituições religiosas modernas. Processos mágicos e ritualísticos, adoração fetichista, fórmulas misteriosas de evocação e de exorcismos, espírito fechado e agressivo e até mesmo endogamia. O método espírita, que implica o histórico, nos permite descobrir, nas referidas instituições, as formas atuais de desenvolvimento dos resíduos tribais, que se apresentam fortemente disfarçados através de um processo curioso de racionalização.

Uma das manifestações mais evidentes do espírito tribal é a intolerância religiosa, responsável não só por dolorosos episódios da história da civilização, como também pelo desprestígio do pensamento espiritualista em diversas épocas. Nesse terreno é que mais gritantemente se revela o caráter antinômico das religiões, de um lado pregando o amor e de outro distribuindo perseguições, torturas e matanças. Ao mesmo tempo, é aí também que melhor encontramos o disfarce racionalista do resíduo tribal: a violência contra o próximo justificada pelo amor ao próximo, ao sofisma da salvação. O inquisidor leva o herege à fogueira porque o ama e quer salvar-lhe a alma.

Mas a intolerância não se manifesta apenas através da agressividade física. É também um processo de condenação e de repulsa intelectual e social. Se o homem primitivo, na tribo, repelia o estranho, só reconhecendo humanidade em criaturas do seu próprio sangue, o homem civilizado, na sua comunhão religiosa, faz o mesmo, justificando-o, porém, com o dogma da salvação. Para o judeu, o estrangeiro era o “goyn” idólatra e impuro; para o cristão, era o “pagão” desprovido da graça; para o maometano, o “infiel”,

e assim por diante. Ainda hoje, em nossos próprios jornais diários, em nossas revistas e em nossos livros, certos religiosos fazem questão de exibir a sua intolerância, agredir e condenar os “adversários”.

Apreciada à luz da doutrina espírita, a intolerância religiosa representa excelente argumento a favor do princípio da reencarnação. Porque ela demonstra a lentidão com que o espírito humano se modifica, ao largo da evolução, exigindo milênios para se libertar das raízes primitivas. Se podemos estudar esse processo no plano coletivo, através da história, a razão nos diz que ele se realiza também no plano individual, e a psicologia o comprova. Ora, não seria possível admitir-se, a não ser de maneira contraditória, que a evolução humana se processasse no curto espaço de uma vida. Somente através das vidas sucessivas, nas reencarnações, o espírito poderá libertar-se, progressivamente, dos resíduos do passado, alcançando graus mais elevados de espiritualidade.

A distinção bergsoniana entre “religião estática”, como produto social, e “religião dinâmica”, como produto da evolução individual, oferece-nos a possibilidade de compreender melhor a maneira por que o homem religioso se liberta do passado. Na “religião estática”, forma social rigidamente estruturada, com a finalidade precípua de manter e defender a estrutura social em que se formou, os resíduos tribais estão fortemente vinculados, pois continuam a exercer o mesmo papel defensivo que desempenhavam na tribo. Na “religião dinâmica”, pelo contrário, esses resíduos nada têm a fazer. O místico, o santo, o mártir, o poeta, não se interessam pelas divisões conceptuais, convencionais, entre os homens, colocando a verdade espiritual acima das convenções.

Jesus, exemplo histórico desse tipo de “religião dinâmica” a que se refere Bergson, não se enquadrou na “religião estática” dos judeus. Por isso foi condenado, mas por isso também nos deixou a fórmula divina do “amai-vos uns aos outros”, completada ainda

com o “amai aos vossos inimigos”. O Espiritismo, revivendo hoje os ensinamentos de Jesus em sua pureza primitiva, fora dos quadros rígidos das “religiões estáticas”, repele os resíduos tribais das religiões, opondo-se decisivamente aos modernos processos de intolerância religiosa. A fórmula espírita é a da tolerância: todas as religiões são boas, desde que sejam capazes de espiritualizar o homem. Não obstante, todas são más, na proporção em que se deixam dominar pelos resíduos tribais, forçando o homem a um retrocesso mental em seu desenvolvimento.

23 – A Verdade e a Violência

Os espíritas que tiveram a ventura de nascer e crescer em lar espírita – e hoje são muitos, o que não acontecia há cinquenta anos ² –, geralmente se sentem chocados quando entram em relação mais estreita com agrupamentos de outras religiões. Criados em ambiente espírita, em que todas as religiões são consideradas caminhos para Deus, essas pessoas não conhecem a posição das demais religiões cristãs em relação ao Espiritismo. Sabem que a nossa doutrina é hostilizada, considerada herética, mas não podem imaginar a que ponto chega essa hostilidade e esse conceito de heresia. A experiência lhes mostra que o Espiritismo é considerado nos meios cristãos com o máximo de desprezo, com o máximo de desconsideração, com absoluta falta de respeito pelos seus princípios e pelos seus elevados objetivos.

Há meio século atrás, acontecia o mesmo com as denominações protestantes, hoje mais consideradas pelos meios contrários. Quanto ao Espiritismo, porém, nada mudou. Livros, artigos, boletins, palestras radiofônicas, pregações no púlpito, todas essas coisas estão aí, ao alcance de todos, para comprovar o que dizemos. O Espiritismo é atacado da maneira mais violenta. Não há mesmo uma crítica da doutrina, uma análise dos seus princípios. O que há é simplesmente o ataque, e o ataque anticristão, anti-evangélico, eivado de falsas acusações e de conceitos depreciativos. Doutrina e adeptos são envolvidos na mesma fogueira de acusações inverídicas. Não se respeita, nestes últimos, nem mesmo a sua condição humana.

² O autor refere-se ao início do século XX. (Nota do digitalizador)

Os espíritas que não nasceram em berço espírita, mas que tiveram de lutar com o meio ambiente para adotarem a sua nova posição, já não se espantam com isso. Conhecem por experiência própria o meio de que provêm. Experimentaram na própria carne o rigor do sectarismo intolerante. Muitas vezes, à maneira de imitações reduzidas do convertido de Damasco, participaram das lutas contra o Espiritismo, antes de encontrarem a luz do Mestre em sua plenitude. Estes mesmos, porém, depois de longo convívio no meio espírita, ainda se surpreendem com certas atitudes dos adversários, que já consideravam superadas pelo tempo, graças ao poder natural da evolução. Vem daí o espanto com que muitos confrades se dirigem a nós, enviando-nos boletins agressivos, livros violentos, panfletos candentes, notícias deturpadas, comentários capciosos a respeito do Espiritismo, e pedindo que respondamos a tudo isso, em favor da doutrina.

A verdade é que, se fôssemos dar atenção a tudo quanto escrevem e dizem contra o Espiritismo, não faríamos outra coisa senão polemizar. O melhor que podemos fazer, diante dessas agressões, é tomar aquela mesma atitude dos cristãos primitivos, que foram muito mais desprezados, perseguidos, caluniados e atacados do que nós, ou seja: responder com a pregação serena e fraterna dos nossos princípios, tanto por meio de elucidações quanto do exemplo das obras. Agora mesmo, com a Semana do Livro Espírita, que se encerrou ontem, o Clube dos Jornalistas deu a mais completa e bela resposta a todas essas agressões, difundindo a doutrina através da palavra e dos livros, sem a mais leve agressão, a mais ligeira ofensa a qualquer religião ou qualquer pessoa.

A violência, como dizia Mahatma Gandhi, é a arma dos que não têm razão. Quem está com a verdade não precisa da violência, porque a verdade é a maior força do mundo e se impõe por si mesma. Durante toda a Semana do livro Espírita, ninguém ouviu

uma palestra contra esta ou aquela religião, ninguém viu um boletim ofensivo aos nossos irmãos de outras crenças. Houve mesmo quem nos perguntasse: “Mas vocês não usaram a tribuna para responder aos ataques que lhes fazem?” Era uma pessoa sem religião, que acompanhava a Semana por curiosidade. “Como não? – foi a nossa resposta – Expondo os nossos princípios, não estamos reagindo da melhor maneira possível?”

Se estamos convictos da verdade, por que havemos de temer a mentira? Se compreendemos o princípio supremo da paternidade universal de Deus, que implica naturalmente a fraternidade universal dos seus filhos, por que havemos de aceitar o desafio dos divisionismos sectários, que tantas vezes já ensangüentaram o mundo? Tenhamos confiança em nós mesmos, em nossas convicções, em nossa doutrina e, sobretudo, na verdade que nos ilumina. À maneira dos cristãos primitivos – considerados bruxos, sanguinários, necromantes! – e que, entretanto, continuavam serenos no caminho da realização evangélica, avancemos tranqüilamente na senda luminosa que se abre ante os nossos olhos. Obedecemos ao Cristo, orando pelos que nos perseguem e caluniam, e oferecendo a todos as divinas verdades que iluminam as nossas almas, neste mundo de sombras e incompreensões.

24 – A Lei como Pedagogo

Pede-nos um leitor “melhor esclarecimento” sobre a frase de Paulo, em sua epístola aos gálatas: “A lei era o nosso pedagogo para nos conduzir a Cristo”. E pergunta se a substituição das práticas judaicas pelas práticas do culto cristão é suficiente, à luz do Espiritismo, para explicar essa frase. Respondemos pela negativa. A frase de Paulo tem um sentido muito mais profundo que o da simples substituição formalista. Para entender esse sentido, é necessário que primeiro aceitemos a superação do formalismo religioso pelo ensino espiritual do Cristo.

É evidente que o próprio Paulo, apesar de aparecer, através de suas cartas e da história apostólica, na posição de espírito esclarecido a respeito da mensagem cristã, ainda se mostra coagido pelas circunstâncias do tempo. Vemo-lo falar da liberdade em Cristo, mas ao mesmo tempo procurar substituir formalismos judeus e pagãos por novas formalidades. Isso é compreensível, e nem mesmo poderia ser de outra maneira, pois sabemos que a evolução espiritual, como a material, não se faz por saltos, mas através de fases sucessivas, num processo de desenvolvimento. Jesus foi o primeiro a ensinar essa verdade, que aparece bem clara na parábola do semeador e se confirma decisivamente na promessa do Consolador.

Paulo, criado no formalismo judaico, aprendeu a repudiar esse formalismo, bem como o pagão, por entender que o Cristo os considerava vazios. Não obstante, ainda não está apto a compreender a mensagem do Cristo na sua essência de libertação espiritual, de superação do formalismo em geral. Por isso, no mesmo texto em que fala da lei como pedagogo, refere-se também ao batismo da água. Como ensina o professor Maurice Goguel, deão

da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, esse formalismo judaico, adotado pelos cristãos através dos discípulos de João, ainda parece necessário ao espírito de Paulo, para distinguir os cristãos dos judeus e dos pagãos.

Mas o Espiritismo demonstra, não com as palavras de Paulo, e sim com as do próprio Cristo – nos vários momentos em que repeliu os formalismos judaicos –, que a libertação espiritual em Cristo não pode estar sujeita a processos formais. Substituir a circuncisão pelo batismo seria trocar uma coisa por outra. Nada se modificava na essência, mas apenas na forma. Substituir os sacrifícios de animais por uma forma ritual, ou pela idéia da redenção pelo sangue de Cristo, não seria também mais que uma troca de formalidades. Da mesma maneira, substituir as restrições alimentares dos judeus por certas restrições novas não seria nenhuma espécie de libertação espiritual. O próprio Paulo percebe e declara isso, advertindo, por exemplo: “Pois toda lei se resume em um só preceito: amarás ao teu próximo como a ti mesmo.” (Gálatas, 5:14)

As palavras de Paulo: “A lei era nosso pedagogo para nos conduzir a Cristo” encerram, assim, uma verdade que transcende a simples substituição formalística. O pedagogo era aquele que conduzia as crianças à escola, ente os gregos, e velava pela sua conduta. René Hubert ensina, em sua “história da Pedagogia”: “Até os cinco ou sete anos, a criança fica nas mãos das mulheres. É, em seguida, confiada a um pedagogo, encarregado, não de instruí-la, mas de acompanhá-la à escola do gramático, do citarista, à palestra, e de velar pela sua conduta”. Vemos assim o papel formal da lei: conduzir os homens a Cristo, como o pedagogo conduzia as crianças à escola, velando por elas. Ora a lei se constituía dos formalismos da igreja judaica. Uma vez chegando a Cristo, o homem se liberta da lei e, portanto, dos formalismos, que só tiveram uma função orientadora para o seu espírito quando

este não estava suficientemente maduro para compreender a espiritualidade.

Paulo esclarece bem o seu pensamento, nesse sentido. A função da lei era de simples condutora. A mensagem do Cristo era essencial e não formal. Cristo pregava o amor a todos os homens, ao judeu e ao samaritano. Paulo acentua: “Não pode haver judeu nem grego, não pode haver escravo nem livre, não pode haver homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus”.

A ênfase da libertação espiritual, superando todas as barreiras convencionais e todos os formalismos, está bem patente neste trecho. E é nesse sentido que o Espiritismo entendeu a frase de Paulo, embora admita que outros a interpretem de maneira diversa.

Para o Espiritismo, o sentido verdadeiro e profundo é esse: os formalismos só servem como pedagogo, numa fase da evolução espiritual.

25 – Cristãos e Filósofos

O problema das relações entre Filosofia e Religião agitou o recente Congresso Brasileiro de Filosofia, reunido em São Paulo. Uma das teses apresentadas concluía pela impossibilidade de solução do problema, uma vez que a Religião não admite o conhecimento apenas por via racional, mas também pela revelação espiritual ou pela fé. É evidente que faltou no Congresso uma colocação espírita do problema. Porque o velho problema das relações entre a fé e a razão – que, segundo Bertrand Russel, foi primeiramente colocado por Pitágoras, desenvolvendo-se depois em Platão e Aristóteles, com as mais profundas repercussões na Idade Média, chegando até a nossa época –, esse velho problema, encontrou a sua solução na doutrina espírita.

Às vezes, algumas acusações curiosas nos são feitas, por representantes de correntes cristãs rigidamente fideístas. Há tempos, temos uma frase assim: “Somos cristãos e não filósofos”. Depois, uma verdadeira agressão, com este trecho: “O Espiritismo faz espetaculares citações bíblicas, somente no terreno que oferece possibilidades de divagações filosóficas, e tem mesmo a coragem de falar, com ar de mofa, sobre a magia do sangue”. Essas referências revelam um desprezo sagrado pela Filosofia como “sabedoria do mundo”, e conseqüentemente envolvem uma censura ao interesse do Espiritismo pelos problemas filosóficos. Na verdade, só temos a lamentar que em certos círculos cristãos ainda persista esse velho preconceito. A Filosofia tanto pode ser mundana quanto divina. A própria Idade Média compreendeu bem isso, elaborando a Filosofia em moldes teológicos e subordinando a ela o filosofar mundano.

Os Evangelhos, à parte os seus episódios históricos, não são outra coisa senão a Filosofia do Cristo. Divina Filosofia, que Kardec soube magistralmente desentranhar dos elementos acessórios, para apresentá-la em sua absoluta pureza em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Os leitores poderão encontrar este assunto, melhor esclarecido, no início da introdução de Kardec a esse livro. Todo o grande esforço dos cristãos primitivos, no plano intelectual, desenvolveu-se no sentido da fusão dos Evangelhos com a Filosofia grega. Antes deles, já o filósofo judeu Filon, da Alexandria, tentara a fusão do Velho Testamento com essa filosofia, que aliás, tem muito mais de divina que de mundana. Os apologistas e os pais da igreja são exemplos vivos desse esforço de conciliação. Santo Agostinho representa a culminância patrística desse esforço, com a sua cristianização do platonismo. Por toda Idade Média, vamos ter a incessante elaboração de uma filosofia cristã com base em Platão e Aristóteles, resultando na formulação tomista de Tomás de Aquino, de base aristotélica. A própria Reforma, da qual se originaram as igrejas protestantes, não é mais que um movimento filosófico, em seus fundamentos doutrinários.

O Espiritismo não pode, pois, alimentar preconceitos culturais contra a Filosofia ou contra a Ciência. Os espíritas não fazem citações bíblicas somente neste ou naquele terreno, mas em todos os momentos em que essas citações possam reforçar os pontos doutrinários do Espiritismo. E é justo que examinem e exponham esses pontos à luz da razão, e não somente da fé, seguindo a própria tradição cristã. A divergência entre razão e fé, que ainda aparece insuperável para os não espíritas, não existe no Espiritismo, onde a fé deve ser iluminada pela razão. Os espíritas não podem crer por crer, ou ser levados apenas pelo sentimento. Devem conjugar sentimento e pensamento, pois a verdadeira fé se torna impossível ou simplesmente fanática, se não se apoiar no conhecimento. “Eu não creio. Eu sei”. Essa frase do escritor

inglês Dennis Bradley, que se tornou espírita, define a exata posição dos espíritas em matéria de religião.

Diante do que ficou dito, parece estar demonstrado que a frase: “Somos cristãos e não filósofos” só pode ser entendida num sentido de fideísmo anti-racional, que o Espiritismo considera enraizado nas fases primitivas do conhecimento. Ao longo de toda história cristã, os cristãos que defenderam e propagaram o Cristianismo no mundo civilizado foram também filósofos. E nem poderia ser de outra maneira. A crença pela crença é indefensável: tanto pode ser cristã como budista ou xintoísta. Somente a crença esclarecida, justificada, comprovada pela razão, pode impor-se aos homens que pensam. No Espiritismo, a religião se firma ao mesmo tempo nas bases da Ciência e da Filosofia.

26 – Espiritismo e Cultura

Comentando o papel do catolicismo e do protestantismo no desenvolvimento cultural do país, em seu livro “A Cultura Brasileira”, agora reeditado pela Melhoramentos num volume único, de grande formato, diz o professor Fernando de Azevedo:

“Enquanto o seu poder de irradiação se enriquece e se renova nas fontes de cultura e tende cada vez mais a apoiar-se em centros de atividades culturais, a expansão do Espiritismo, em que se embriaga o misticismo devoto, iniciada no seio das classes mais baixas e incultas, tem as suas origens na ingenuidade e ignorância do público e na atração que por toda parte exercem as iniciações misteriosas, os fenômenos tidos como sobrenaturais e as comunicações, por meio da mediunidade, entre o mundo visível e invisível, entre vivos e mortos.”

A seguir, afirma o ilustre mestre: “A própria expansão do Espiritismo entre gente de baixa mentalidade – movimento muito maior, aliás, do que pode parecer ao primeiro exame – é a prova evidente de que o Espiritismo (Modern Spiritualism, 1842) não passou ainda para a fase propriamente científica e guarda pelo geral o caráter de uma seita religiosa, com seus médiuns e experiências, em sessões à meia luz em que, ao lado de visões e alucinações, poderão produzir-se fatos obscuros e desconhecidos.”

Após afirmações tão peremptórias, sobre a natureza primitivista do movimento espírita brasileiro, faz o mestre algumas digressões sobre a posição da ciência em face dos fenômenos espíritas, e conclui que o Espiritismo, apesar de sua grande expansão, não tem “qualquer influência no domínio cultural”. Fato sem dúvida dos mais curiosos, que o mestre deixou sem maior exame, esse do desenvolvimento de um sistema de idéias, de uma forma

da concepção do mundo e da vida, com mais de quatro milhões de adeptos, na época (dados oficiais de 1930), não exercer nenhuma influência cultural no país. O próprio conceito de cultura, exposto pelo autor em capítulo anterior, torna-se de difícil compreensão, diante dessa afirmativa.

Passemos, porém, a outros aspectos do problema, já que nesse terreno a discussão teria de ser extensa e minuciosa. A “Cultura Brasileira” é um livro sincero e honesto, que procura oferecer ao público um panorama verdadeiro do nosso desenvolvimento cultural. No tocante ao Espiritismo, entretanto, apresenta graves falhas e comprometedoras lacunas. As falhas são de interpretação, as lacunas de informação. Um e outras compreensíveis, num erudito de formação católica. Não queremos corrigir o professor ilustre, mas cumpre-nos o dever de oferecer, aos leitores espíritas, alguns dados que restabeleçam o quadro da paisagem espírita em seus legítimos contornos, nesse painel da vida cultural brasileira.

Devemos notar, inicialmente, que o professor Fernando de Azevedo faz a mesma mistura entre Espiritismo e fetichismo, que já apontamos nos nossos autores de sociologia. Ao se referir às “classes mais baixas e incultas” e às “iniciações misteriosas”, sua confusão de Espiritismo com sincretismo religioso afro-católico é evidente. Embora fazendo uma tímida referência, entre parênteses, ao “modern spiritualism” americano, o autor ignora por completo o fato capital do aparecimento da doutrina Espírita na França, com bases científicas e estrutura filosófica, em meados do século XIX. Conseqüentemente, ignora também que os primeiros núcleos espíritas surgiram no Brasil entre as classes elevadas e cultas, no Rio de Janeiro, graças aos livros doutrinários importados da França.

O movimento espírita se iniciou, pois, no Brasil, de maneira irremissivelmente cultural. Antes de tudo, decorria do trato de intelectuais com uma língua estrangeira. E não provém de uma

fonte estranha, mas da fonte principal da cultura brasileira, que é a cultura francesa. O general Ewerthon Quadros, por exemplo, foi um dos primeiros tradutores de obras espíritas e autor da primeira “História dos Povos da Antigüidade”, sob o ponto de vista espírita”, que se publicou no Brasil, isso em 1882, edição da Tipografia da Escola de Serafim José Alves, do Rio de Janeiro. O general era bacharel em ciências físicas e matemáticas e pertencia ao estado maior do exército. Nas suas águas vêm Bezerra de Menezes, o ilustre médico e político, autor de “A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica”, o professor Guillon Ribeiro, assessor de Rui Barbosa no Senado, elogiado por este como revisor de seus discursos, e assim por diante. Somente depois de instalada a Federação Espírita Brasileira é que o Espiritismo se propaga com maior intensidade, graças ao trabalho altamente cultural dessa *casa máter* do movimento brasileiro, que difunde as obras fundamentais da codificação kardecista e as obras paralelas surgidas na Europa.

Hoje, o Espiritismo se afirma, principalmente, como um movimento cultural, através da divulgação de uma bibliografia imensa, de uma vasta rede de jornais e revistas doutrinárias, de instituições de cultura, escolas e hospitais. Basta lembrar a existência, no Rio de Janeiro, além da Federação, do Instituto de Cultura Espírita no Brasil, da Cruzada dos Militares Espíritas, da Sociedade de Medicina e Espiritismo e, em São Paulo, da Federação Espírita do Estado, do Clube dos Jornalistas Espíritas, da Sociedade de Estudos Espíritas, do Instituto Espírita de Educação. No interior, poderíamos citar a existência de instituições como o Educandário Bezerra de Menezes, de Marília, – cujo prédio próprio permitiu a criação da Faculdade de Filosofia daquela cidade – do Ginásio Pestalozzi, de Franca, do Instituto Humberto de Campos, de Campinas, e por aí afora.

Recentemente, reuniu-se em São Paulo o II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, e no próximo ano se reunirá em Belo Horizonte o III Congresso. Uma concentração de professores espíritas do Estado realizou-se ainda há poucos meses. Tudo isso parece demonstrar que o movimento espírita não merece a classificação que lhe deu o professor Fernando de Azevedo em sua obra sobre a cultura brasileira. Somente o clima mental de prevenção contra o Espiritismo, o predomínio do preconceito religioso, além do preconceito cultural, poderia ter levado o ilustre autor de “A Cultura Brasileira” a cometer a injustiça que marca o seu livro. Não era, porém, de maneira menos injusta, que gregos e romanos ilustres se referiam ao Cristianismo nascente, considerado simples religião de escravos. E isso na antevéspera da profunda transformação que o movimento galileu imprimiria à história. Consolemo-nos com esse luminoso antecedente.

Terceira Parte
–
Religião

27 – O Impacto Espírita

A tese das três revelações, colocada e definida pelo Espiritismo, implica certos problemas que, em geral, não são bem compreendidos. Há quem pergunte, por exemplo: “Antes da I Revelação, a mosaica, Deus não havia revelado nada aos homens?” É claro que sim. O Espiritismo ensina que o processo da revelação é contínuo, incessante, realizando-se através da mediunidade. Mas acontece que a revelação de Moisés assinalou o primeiro momento decisivo da espiritualização do mundo, foi o marco histórico da concepção monoteísta. Com Moisés, e conseqüentemente com a Bíblia (codificação da I Revelação), os homens aprenderam a substituir os deuses formais do passado pelo Deus verdadeiro e único, em espírito e verdade. E aprenderam também que Deus é providência, criou o mundo e o dirige, conduzindo os homens através da história.

Até Moisés, o mundo é politeísta e mágico. O pensamento humano não é histórico, mas mitológico. Com a I Revelação surge o monoteísmo e o historicismo. Essa a razão de a chamarmos “primeira”, pois é decisiva quanto à modificação dos rumos humanos, em direção a um futuro de constante progresso. O monoteísmo unificará, daí por diante, o sentimento e a vontade, e o historicismo dirigirá a razão. Não se trata mais de revelações parciais, de ensaios preliminares, mas de uma revelação que abre as portas da universalidade, da compreensão total do universo e da vida. Com essa revelação inicia-se aquilo que hoje chamamos de Civilização Cristã do ocidente. No Oriente continuarão ainda a desenvolver-se as revelações parciais e locais, até que o impacto do pensamento ocidental comece a modificar o panorama de suas velhas concepções.

O desenvolvimento natural da primeira revelação é o aparecimento do Cristo. Sua mensagem é codificada nos Evangelhos,

seguidos dos demais livros que, com aqueles, formam o Novo Testamento. Ao monoteísmo e ao historicismo, a II Revelação adiciona o ingrediente moral da salvação. A concepção do Deus único e espiritual, e do desenvolvimento histórico do mundo, dirigido pela Providência, enriquece-se com um elemento novo: o finalismo. Deus fez o mundo e o dirige com uma finalidade definida. O dogma bíblico da queda revela o seu sentido, que a alegoria ocultava: o homem surgiu, na Terra, simples e ignorante, para adquirir por si mesmo a complexidade moral e a sabedoria espiritual, tornando-se digno do Criador. Esse finalismo trás em si mesmo o impulso do universalismo. Deus não é apenas o Criador, mas é principalmente o Pai. Nunca essa palavra havia tido tão amplo sentido. Nos Evangelhos, Deus é Pai. Em conseqüência, todas as criaturas são irmãs.

Claro que uma revolução tão profunda não poderia realizar-se em um dia, nem mesmo em um século ou um milênio. A mensagem cristã, que completava a mosaica, teria de penetrar o mundo como a água da chuva penetra o chão, misturando-se a ele e às suas impurezas. Primeiro, haveria o barro. E desse barro, dessa mistura do politeísmo com o monoteísmo, do mito com a história, do acaso com o finalismo, do acidental com a providência, do incerto com a salvação (certeza da fé), surgiria o novo homem, feito à imagem e semelhança do novo Deus. Mas um homem ainda incompleto, em fase de modelagem. Por isso Jesus anunciou uma nova revelação, que ainda viria, depois que ele fosse “para o Pai”, formulando a promessa do Consolador, no Evangelho de João.

Somente decorridos quase dois milênios, amassado esse barro de terra e luz, de elementos humanos e divinos, pôde então surgir a III Revelação. E o que trouxe ela? Um novo ingrediente, para misturar os anteriores, completando a fórmula divina: o monismo. Essa palavra, interpretada sem sentido espiritual, resume a con-

cepção espírita do universo. A paternidade universal de Deus deixa de ser uma formulação teórica, para tornar-se prática. A fraternidade universal não decorre mais de um princípio abstrato. A reencarnação justifica o mandamento do amor do próximo, no plano imediato da vida física. A lei de causa e efeito mostra a unidade fundamental do cosmos. O túmulo vazio dos relatos evangélicos adquire um sentido simbólico, pois a morte é substituída pela ressurreição, e essa se despoja do aspecto mítico do passado, para apresentar-se com um sentido histórico, na sucessão temporal imediata das formas vitais. Por outro lado, a concepção monista do universo abre as portas à compreensão do processo de intercâmbio espiritual. Desaparece a barreira que separava o plano espiritual do plano material. Homens e espíritos podem confabular, permutar experiências conscientemente, marchar de mãos dadas rumo à perfeição espiritual, que é o objetivo comum.

É evidente que todos esses ingredientes reunidos pelas revelações sucessivas sempre existiram no mundo. Mas somente com elas, e graças a elas, puderam juntar-se numa forma vital e, portanto, dinâmica, eficiente, constituindo aquilo que Dilthey chamaria “a consciência metafísica do ocidente”. No desenrolar histórico das três revelações, esses ingredientes passaram de potência a ato, para usarmos a linguagem aristotélica. E assim chegamos ao momento em que esses elementos entram em ação efetiva no mundo, para transformá-lo. À III Revelação, ao Espiritismo, coube a função de completar o sistema, dar-lhe a demão final e dinamizá-lo na prática. Esse gigantesco trabalho ainda não está realizado, mas desenvolve-se de maneira auspiciosa. O mundo inteiro está sofrendo o impacto do Espiritismo, no século XX, como no século primeiro sofreu o impacto do Cristianismo.

28 – Desenvolvimento Espiritual

Não podemos entender o problema religioso, fora da perspectiva histórica. Falar em verdades eternas, instituições divinas, revelações supremas, às quais teríamos de submeter-nos, como um rebanho ao pastor, é simplesmente fugir ao esclarecimento do assunto. A mística das revelações constitui um período histórico necessário, nas fases primárias do desenvolvimento humano. Com o decorrer do tempo, esse período foi superado. O homem tornou-se capaz de pensar de maneira aguda e produtiva, de criticar suas concepções anteriores e de criar meios de investigação dos mistérios da vida e do mundo, com sua própria inteligência. Nesse momento, compreendeu a relatividade das antigas verdades absolutas.

O Espiritismo se caracteriza, em face das religiões atuais, por essa posição racional, quanto ao problema religioso. As pessoas que não conhecem o Espiritismo, em geral o confundem com simples formas de sincretismo religioso ou de superstições primitivas. Pensam que Espiritismo é evocação de espíritos, magia, feitiçaria e coisas semelhantes. Assim, ao lerem o que acabamos de escrever, pensam que estamos sofismando. Aconselhamos essas pessoas a consultarem as obras básicas da doutrina, em especial “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, para verem que estamos com a razão.

As religiões antigas, anteriores ao Cristianismo, apresentavam-se como revelações divinas, feitas pelos deuses mitológicos. A religião judaica, da qual nasceu a cristã, era a revelação de Jeová ao povo eleito. O Cristianismo apareceu de maneira diferente, como uma religião didática, ensinada por um homem. A revelação divina se tornava humana. Mas a imaginação do tempo,

apegada ao maravilhoso, em breve rejeitou essa modificação. Jesus foi devolvido do plano histórico ao mitológico e transformado em Deus. O Cristianismo absorveu, então, a mística e a magia das revelações divinas do passado, confundindo-se com elas. Tornou-se uma “religião revelada”, como as outras, e adquiriu o mesmo poder de coação, impondo-se aos homens pelo prestígio do mistério. Mas o próprio Cristo já havia previsto esse fato e anunciou a ressurreição de seus princípios, para quando a mente humana atingisse a maturidade. É o que vemos no Evangelho de João, com o anúncio do Consolador.

Quase dois mil anos correram sobre as palavras de Jesus, mas o momento de maturidade chegou. Nos séculos XVII e XVIII vemos acentuar-se o processo de maturação mental da humanidade, e no século XIX encontramos o homem numa fase de plena libertação espiritual. É então que aparece o Espiritismo. Não como revelação divina, no sentido das religiões antigas, mas como um vasto processo de descoberta do espírito. Kardec o apresenta, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, como III Revelação, mas esclarece o sentido novo dessa revelação.

Nada mais claro do que a explicação de Kardec, em “A Gênese”, sobre a natureza do Espiritismo. Revelar, diz ele, é mostrar alguma coisa que estava oculta. Nesse sentido, o Espiritismo é, ao mesmo tempo, revelação divina e revelação humana. Divina, quando os Espíritos, por suas manifestações, revelam aos homens a natureza do mundo espiritual. Humana, quando os homens, por suas investigações, penetram os segredos desse mundo. A revelação espírita não é, portanto, absoluta, imposta aos homens pelos deuses ou por Deus. É o resultado de uma conjugação de esforços. Os Espíritos, homens desencarnados, e os Homens, espíritos encarnados, dão-se as mãos para descobrirem a verdade espiritual, no plano natural e não do mistério.

Há duas formas de revelação, diz Kardec: a divina e a científica. As religiões antigas aceitavam a primeira e nela se baseavam. Daí seu caráter absolutista, sua arrogância na imposição de princípios indiscutíveis. O Espiritismo aceita a segunda e nela se baseia. Daí seu caráter científico. Os Espíritos ajudam os homens a penetrarem os segredos do mundo espiritual. Não são mestres superiores e infalíveis, mas colaboradores. Não possuem a sabedoria suprema dos deuses, mas a relativa, das criaturas. A revelação divina se humaniza de novo no Espiritismo, despojando-se dos elementos místicos e mágicos do passado. Os princípios racionais, ensinados por Jesus, ressurgem no momento exato da maturidade mental da humanidade. A profecia do Mestre se cumpre, não de maneira milagrosa, mas dentro do processo histórico, como uma antevisão do desenvolvimento evolutivo da espécie.

As verdades eternas, as instituições divinas e as revelações supremas, que antes exerciam seu domínio mágico sobre os homens, perdem o velho prestígio. O homem, liberto do temor do mistério e do temor dos deuses, aprende a conquistar por si mesmo o conhecimento das coisas espirituais, como conquistou o das coisas materiais. Dentro da relatividade de sua natureza, aprende que as verdades eternas lhe são ainda inacessíveis. Aprende, sobretudo, que antes de conhecer o absoluto, terá de evoluir no relativo. A religião volta a adquirir, assim, o caráter didático do ensino de Jesus. Não é mais um plano de salvação imediata, mas uma escola de salvação progressiva.

É por isso que o Espiritismo não se proclama como religião única, fora da qual não haverá salvação. Essencialmente evolucionista, ele nos mostra a religião como um processo de desenvolvimento espiritual do homem. Nas fases primitivas, a religião se traduzia em mistério e magia. Nas fases posteriores da evolução humana, ela se traduz em compreensão espiritual. Os mistérios, as fórmulas sacramentais, a consagração de objetos, os ritos,

são apenas instrumentos primários do desenvolvimento espiritual. Mas chega o momento em que o homem se liberta de tudo isso, para atingir aquilo que Jesus chamava: “adorar a Deus em espírito e verdade”.

29 – Moral e Religião

Numerosas vezes temos assinalado o sentido profundamente religioso de “O Livro dos Espíritos”. Há estudiosos, entretanto, que não percebem esse sentido, preferindo encarar a obra fundamental da doutrina como simplesmente filosófica. Por isso, fazendo coro com os adversários do Espiritismo, inadvertidamente, chegam a negar o seu aspecto religioso. Dessa falsa posição resultam lamentáveis confusões, tanto entre adeptos pouco inteirados do assunto, quanto entre leigos que se interessam pela doutrina.

Emmanuel definiu o Espiritismo, na obra “O Consolador”, como sendo “um triângulo de forças espirituais”. A base desse triângulo, que se assenta na Terra, tem como ângulos a Ciência e a Filosofia. O vértice, que se volta para o céu, é a Religião. Essa imagem corresponde exatamente à definição de Kardec, em “O que é o Espiritismo”, quando o codificador afirma que o Espiritismo é ao mesmo tempo Ciência e Filosofia, de conseqüências morais.

O fato de Kardec não haver mencionado a palavra “religião” faz com que alguns estudiosos rejeitem a semelhança que apontamos. Convém lembrar, porém, que Kardec era discípulo de Pestalozzi, cuja doutrina pedagógica só admitia a religião como moral. Para o grande mestre de Yverdun, a religião se manifestava através de três fases. Havia a religião animal, a religião social e a religião moral. Somente esta última, depurada de todos os convencionalismos sociais, e por isso mesmo traduzindo-se por moralidade pura, no mais alto sentido da palavra, era digna de figurar em sua doutrina pedagógica.

Além disso, é preciso convir que Kardec, ao formular a sua definição, já havia recebido as instruções do Espírito da Verdade,

que lhe anunciava o restabelecimento do Cristianismo primitivo. Ora, esse Cristianismo puro havia sido deturpado pelas influências daquilo que Pestalozzi chamava “religião social”, e que Bergson definiria, em nossos dias, como “religião estática”. Mas a “religião social” era a única forma de religião admitida na época. Fiel aos princípios da filosofia pedagógica em que formara o seu espírito, fiel aos ensinamentos espirituais recebidos e fiel, ainda, ao ensino de Jesus nos Evangelhos (veja-se a passagem da mulher samaritana), Kardec substituiu a palavra “religião”, que poderia provocar confusões, pela palavra “moral”, que livrava o Espiritismo de qualquer interpretação dogmática e infiltração ritual.

Se estas razões de ordem histórica e, portanto, concretas não bastassem, teríamos ainda a própria declaração de Kardec a respeito, no seu derradeiro discurso, e teríamos também a sua definição religiosa em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Mas não se precisa de tanto, para compreender o sentido religioso do Espiritismo. Basta a análise do próprio texto de “O Livro dos Espíritos”, que começa pela definição de Deus, aponta Jesus como o modelo humano e termina tratando das leis morais, da lei religiosa de adoração e das penas e gozos futuros. Negar que tudo isto seja religião é a mesma coisa que negar a existência da luz solar.

Por tudo isso, alegra-nos a publicação do livro de Emmanuel, “Religião dos Espíritos”, psicografado por Chico Xavier. O luminoso guia espiritual não vem apresentar-nos, nesse pequeno grande livro, nenhuma doutrina pessoal, mas apenas uma tentativa de aprofundamento espiritual do aspecto religioso de “O Livro dos Espíritos”. À maneira do que fez com os Evangelhos, em tantas mensagens esclarecedoras, Emmanuel comenta questões da obra básica da doutrina, penetrando-lhes o sentido espiritual.

Este pequeno-grande livro é, portanto, um convite, como o diz o autor, no prefácio, ao estudo mais aprofundado da religião “em espírito e verdade” que a obra básica nos oferece. Emmanuel

declara esperar a colaboração dos “companheiros de tarefa”. Essa colaboração só pode ser dada por aqueles que forem capazes de se dedicar ao estudo da obra básica, penetrando-lhe “a essência redentora”. Kardec acentuava que o Espiritismo “não é uma questão de forma, mas de fundo”. O problema da religião espírita insere-se exatamente nessa definição do codificador.

Tratando-se de uma religião em espírito e verdade, segundo a definição de Jesus, no episódio da mulher samaritana; de uma religião moral, segundo Pestalozzi; de uma religião dinâmica, liberta de formalismo, de acordo com a definição bergsoniana; ou de moralidade pura, segundo o próprio Kardec; a religião espírita não pode ser encarada de maneira formal, mas substancial. Quando colocamos de lado a letra que mata, para penetrar o espírito que vivifica, tudo se esclarece.

30 – Sincretismo Religioso

O surto, realmente notável, de propagação da Umbanda em nosso país, nos últimos anos, provocou numerosas confusões a respeito do Espiritismo. Os adversários da doutrina aproveitaram a oportunidade para acentuar e ampliar essas confusões. Por outro lado, nos próprios meios espíritas, muitos confrades deixaram-se envolver. Houve mesmo um momento em que instituições doutrinárias respeitáveis não foram capazes de resistir à onda confusionista. De tudo isso, resultou que ainda agora, nos meios doutrinários, há quem pergunte se Umbanda é ou não é Espiritismo.

Desde o início das confusões tratamos do assunto, procurando esclarecê-lo à luz dos princípios doutrinários, dos estudos sociológicos e dos dados históricos. Entendemos haver demonstrado, sobejamente e rigorosamente, que não há possibilidade de confusões a respeito e que estas decorrem, fatalmente, de ausência de conhecimento. Somente os que não conhecem o Espiritismo, não sabem o que é a doutrina espírita e não possuem noções dos trabalhos de investigação sociológica realizados no país e no estrangeiro, a respeito dos sincretismos religiosos afro-católicos, podem ficar confusos ante o fenômeno de propagação da Umbanda entre nós.

Que nos perdoem as pessoas ilustres, algumas de projeção no meio espírita, levadas na onda de confusões. O simples fato de se terem deixado envolver demonstra que, indiscutivelmente, não estavam seguras no terreno doutrinário. Um sólido conhecimento espírita não permite a mais leve discrepância nesse sentido. Porque o Espiritismo é uma doutrina espiritual de bases científicas, de estrutura filosófica bem definida e de conseqüências morais ou religiosas enquadradas nas exigências da razão. Uma doutrina, portanto, que não comporta superstições, resíduos do irracional-

lismo primitivo ou apegos místicos a fórmulas rituais e sacramentais.

Do ponto de vista doutrinário, é simples absurdo, verdadeira aberração, dizer que Umbanda é Espiritismo. Se, por outro lado, encaramos o problema do ponto de vista histórico, a confusão se torna impossível, pois os dados históricos nos mostram que o Espiritismo é uma doutrina recente, formulada na França em meados do século XIX, que só se transplantou para o Brasil nos fins daquele século, enquanto a Umbanda é uma forma de religião primitiva dos negros africanos, que veio ao Brasil com o tráfico negreiro. Nada menos de três séculos separam as primeiras manifestações de Umbanda em nosso país, do aparecimento dos primeiros núcleos espíritas. Do ponto de vista sociológico, os estudos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre e outros, documentam poderosamente a origem afro-católica da Umbanda.

Recentemente, a Cia. Editora Nacional publicou, como volume 280 da 5ª série de sua famosa coleção Brasileira, um estudo atualizado do professor Waldemar Valente, catedrático de antropologia e etnologia na Universidade do Recife e na Universidade Católica de Pernambuco, intitulado “Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro”, com prefácio do professor Amaro Quintas. Trata-se de volume relativamente pequeno, de 164 páginas de texto, seguido de bibliografia valiosa e numerosas ilustrações. Apesar de fazer ainda certa confusão entre Espiritismo e formas fetichistas de religiões africanas e indígenas, confusão muito comum entre os eruditos que não conhecem Espiritismo, o livrinho do professor Waldemar Valente, escrito em linguagem popular, esclarece bem o problema da origem e natureza da Umbanda.

Na bibliografia espírita temos o importante trabalho de Alfredo d’Alcântara, “Umbanda em Julgamento”, e o de Deolindo Amorim, “Africanismo e Espiritismo”, que são bastante elucidati-

vos. Há pouco, a Federação Espírita do Paraná lançou um opúsculo de Deolindo Amorim, “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, em que aparece um confronto esclarecedor entre Umbanda e Espiritismo. Nesses livros, de orientação doutrinária, o leitor encontra maiores elucidações quanto às diferenças de uma e outra doutrina. Aliás, a doutrina umbandista está ainda em fase de elaboração e reproduz em nossos dias o esforço medieval de construção das doutrinas cristãs tradicionais: a luta para racionalizar o dogma ou adaptar sistemas racionais ao misticismo primitivo.

Há, pois, um aspecto curioso na Umbanda, que ainda não foi estudado. Ela aparece como uma fase de medievalismo psíquico, um período de passagem de largas camadas populares do animismo e do fetichismo para as formas racionalizadas do sentimento religioso. O Espiritismo, pelo contrário, oferece-nos a última fase do desenvolvimento desse sentimento, que aparece despido de formas imaginárias, de resíduos supersticiosos ou fetichistas, de sistemas rituais, litúrgicos, sacramentais e até mesmo de organização sacerdotal. O Espiritismo supera o medieval e o moderno, abrindo perspectivas para o futuro. A religião que dele resulta nada tem a ver com os rituais de Umbanda e muito menos com a assimilação de todo o formalismo católico pelo fetichismo africano.

Quanto ao fato de haver médiuns na Umbanda, é preciso compreender que a mediunidade não é uma invenção espírita. Médiuns sempre existiram, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos, as pitonisas, os profetas, como o são os xamãs e os pajés dos povos selvagens ou semi-selvagens atuais. Espiritismo não é mediunismo. A mediunidade é uma condição da natureza humana, que permite o intercâmbio de vivos e mortos, ou de encarnados e desencarnados, ou ainda dos homens com os espíritos. O Espiritismo estuda essa

condição e procura discipliná-la, para esclarecer, dentro da razão e através de métodos experimentais, o problema da sobrevivência humana e do destino do homem após a morte.

31 – Mediunidade Bíblica

Espiritismo não é evocação de mortos. Não é magia. Não é macumba nem umbanda. As pessoas que conhecem a história do pensamento moderno sabem que o Espiritismo é uma doutrina religiosa, de bases científicas e filosóficas, elaborada em Paris, em meados do século XIX, por um ilustre pedagogo francês. Encontra-se nas livrarias o livrinho “O Espiritismo”, de Yvonne Castellan, tradução da coleção “Que sais-jé?”, publicada pela Difusão Européia do Livro em sua coleção “Saber Atual”. Pequeno volume de vulgarização cultural, que poderá esclarecer os que ainda confundem esse problema.

Note-se que Yvonne Castellan não é espírita. O tradutor brasileiro do livro é católico. A editora também não é espírita. Não se trata de obra de propaganda doutrinária, mas de simples divulgação cultural, como toda a coleção “Que sais-je?” na França e sua similar no Brasil, a “Saber Atual”. Os católicos, portanto, não devem estar proibidos de ler esse livro. Justamente por não ser espírita, a autora comete vários enganos, mas, no geral, faz um trabalho sincero, procurando acertar. Pelo menos confirma o que estamos dizendo: que o Espiritismo é uma doutrina moderna, apoiada em fatos, em investigações científicas e estruturada com precisão lógica.

Encontra-se também nas livrarias o grande livro de Conan Doyle: “História do Espiritismo”, traduzido por Julio Abreu Filho e publicado pela Editora Pensamento. Conan Doyle era espírita, mas sua imparcialidade foi louvada por toda a imprensa inglesa. E o livro de Kardec, do próprio codificador da doutrina, intitulado “O que é o Espiritismo”, também é facilmente encontrado nas livrarias, em boas traduções portuguesas. Além disso, toda a

coleção das obras fundamentais do Espiritismo está traduzida e editada em nossa língua. Só desconhecem, pois, o Espiritismo os que não querem conhecê-lo ou os que fingem confundi-lo com outras coisas.

Por outro lado, o Espiritismo não é condenado pela Bíblia. Muito pelo contrário, encontra vigoroso apoio nos textos bíblicos. Ainda há pouco, a Editorial Victor Hugo, de Buenos Aires, publicou uma tradução castelhana do livro de Stecki: “O Espiritismo na Bíblia”. Entre os vários trabalhos brasileiros a respeito, podemos citar o livro do professor Romeu Amaral Camargo, “De Cá e de Lá”, que apresenta o Espiritismo no Velho e no Novo Testamento. Repetir, pois, que essa doutrina é condenada na Bíblia, é simplesmente fechar os olhos às demonstrações contrárias, que são vigorosas, como veremos a seguir.

Os espíritas não evocam os mortos. O que fazem é apenas atender aos Espíritos, através de médiuns. Uma e outra coisa, Espíritos e Médiuns, sempre existiram no mundo. Não foi o Espiritismo que os criou. Limitou-se apenas a constatar a existência de ambos, a tirar desse fato as conclusões necessárias e a utilizá-lo para o engrandecimento espiritual e moral da humanidade. Aquilo que era mistério na antiguidade, e que ainda hoje o é, para os anti-espíritas, tornou-se claro no Espiritismo. A ciência espírita tirou à mediunidade o seu aspecto de bruxedo, de magia, que a ignorância lhe dava, como a ciência física tirou aos fenômenos atmosféricos o sentido fantástico que a ignorância lhe atribuía. Demonstrado, cientificamente, que os chamados mortos estão mais vivos do que nós e podem comunicar-se conosco – o que todas as religiões admitem e praticam –, o Espiritismo estabeleceu as normas necessárias para essas comunicações.

Contra isso, alega-se a proibição bíblica. E chega-se a citar até mesmo aquele trecho do Êxodo: “Não deixarás viver os feiticeiros”, que serviu de base para terríveis matanças de médiuns no

passado. Mas o principal texto citado é o capítulo 18 do Deuterônimo. Nesse capítulo, porém, o que está proibido é exatamente o que o Espiritismo proíbe. Nada do que ali se encontra é praticado pelos espíritas. E se consultarmos o livro de Números, capítulo 11, versículos 26 e 29, veremos Moisés aplaudir a mediunidade e desejar mesmo que ela se propague a todas as criaturas. Para os que entendem a proibição anterior como absoluta, a Bíblia se contradiz. mas para os que compreendem que Moisés proibia os abusos e as imposturas, como o Espiritismo os proíbe, a Bíblia se mostra coerente e concorda plenamente com o ensino espírita.

Em provérbios, 31: 1-9, o espírito da mãe de Lamuel aparece-lhe para lhe transmitir conselhos. Em Juízes, 13, um espírito aparece a Manué e sua mulher. Os profetas, em seus livros, falam de muitas formas de comunicações de espíritos. O apóstolo Paulo, na sua primeira epístola aos coríntios, descreve as reuniões mediúnicas dos apóstolos. João recomenda que verifiquemos se os espíritos comunicantes são de Deus ou não, da mesma maneira que o Espiritismo recomenda analisarmos as comunicações. Como diz o grande pensador italiano Ernesto Bozzano: as bases da religião estão na mediunidade. Mas encerremos esta rápida exposição com o magnífico episódio da “magia” e da “necromancia” na própria Bíblia.

Conta-nos o texto sagrado (Números, 18) que Moisés recebia a comunicação do Senhor, tendo ao seu redor os setenta anciãos. O Senhor, “tirando do espírito que havia em Moisés”, deu-o aos anciãos, que também passaram a profetizar. Mas nos versículos 24 e 29 vemos o ministro Josué contar a Moisés que dois jovens, Eldad e Medad, recebiam espíritos no campo. Josué pede a Moisés que os proíba de fazerem isso. E Moisés lhe responde: “Que zelos são esses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu Espírito!” Como vemos, Moisés era médium e desejava a mediunidade para todo o

povo. Mas queria que os médiuns recebessem os espíritos dentro de normas morais e com elevada espiritualidade, como o quer o Espiritismo. Que Deus abra os olhos e os ouvidos daqueles que insistem em dizer o contrário!

32 – Fanatismo Sectário

As campanhas religiosas contra o Espiritismo recrudescem de quando em quando, nesta ou naquela cidade. E apresentam sempre as mesmas características anti-religiosas das lutas sangrentas de outros tempos. Começam às vezes de maneira piedosa, anunciando a intenção fraterna de salvar as almas transviadas, através de orações. Mas em breve recaem na prática da violência verbal, da deturpação grosseira da verdade e até mesmo do sectarismo desumano, que aconselha a inimizade e alimenta o ódio entre as criaturas.

Quando Jesus veio ao mundo, as religiões, em sua esmagadora maioria, eram sistemas exclusivistas de crença, baseados em fortes resíduos da vida tribal; sistemas fechados, que isolavam os seus adeptos de qualquer contato com os adeptos de outros sistemas, sustentando-se por meio de prescrições violentas, com maldições e anátemas. A endogamia era um dos princípios básicos dessas religiões primárias. Nem mesmo o judaísmo, que já havia superado a idolatria e o politeísmo, conseguira romper essa estrutura antiquada.

Diante de um mundo dividido em religiões de violência, de separatismo e de ódio, Jesus pregou o amor e a fraternidade. Sua atitude perante o cisma judaico dos samaritanos tornou-se um exemplo vivo dos seus ensinamentos. O odiado samaritano foi por ele apontado como bom, em contraste com o fariseu formalista, vaidoso, que se julgava eleito de Deus e único intérprete do Céu diante dos homens. Os “goyn”, ou estrangeiros, considerados impuros pelos judeus, foram convidados para o banquete da vida eterna.

No seu encontro com a mulher samaritana, o Divino Mestre deixou o mais belo exemplo da verdadeira compreensão religiosa. Longe de condenar a mulher e querer convertê-la para a seita em que Ele havia nascido, limitou-se a dizer-lhe palavras de amor e ensinar-lhe que: “os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e verdade”. Ensinou-lhe claramente, como o registram os textos evangélicos, que a verdadeira religião não se praticava no Templo de Jerusalém, nem no Monte Garizim, dos samaritanos, mas no coração do homem.

Jesus quebrou, assim, o arcabouço tribal das religiões exclusivistas, para ensinar o verdadeiro sentido da religião, que é o amor. Pois o que é religião? Alguma coisa que une ou que desune? Política sectária, acirrando ódios e fomentando divisionismos, ou prática da caridade, segundo a límpida interpretação do apóstolo Paulo, e conforme o ensino de Jesus, que nos manda amar aos próprios inimigos?

Vemos assim que combater o Espiritismo, em nome da religião, com pregações de ódio, de inimizades, com insinuações maldosas e com deturpações grosseiras da doutrina e da prática espíritas, não é mais do que retroceder a conceitos antiquados sobre religião e sobre salvação. É simplesmente voltar, no tempo e no espaço, àquele mundo de fanatismo sectário que levou o Divino Mestre ao suplício da cruz, em nome de convenções humanas e de interesses imediatistas. Por outro lado, essas campanhas são a verdadeira negação da religião. No passado, como todos sabem, campanhas dessa espécie produziram matanças horríveis, como a da Noite de São Bartolomeu, em Paris, ou as fogueiras inquisitoriais.

Foi por esse motivo que Kardec evitou apresentar o Espiritismo como uma nova religião. Mostrando o seu sentido profundamente religioso, apresentando-o como restabelecimento do Cristianismo verdadeiro na Terra, Kardec recusou-se, entretanto, a

fazer dele um sistema de crença formalista. Os que discordarem dessa posição de Kardec, que foi, aliás, a mesma de Jesus – do Mestre Divino que Kardec aponta como modelo para a evolução do homem a Terra –, que combatam o Espiritismo no plano da razão, com argumentos e não com as ameaças do ódio sectário.

Kardec costumava dizer: “Se alguém quer nos tirar o Espiritismo, que nos ofereça coisa melhor.” Os espíritas estão sempre prontos a examinar todas as coisas, como ensinava o apóstolo Paulo. Nenhum espírita está proibido de ler os livros, os jornais, as revistas, os boletins, ou de ouvir os sermões e as palestras referentes a outras religiões. Nenhum espírita é impedido, sob qualquer espécie de ameaça, de entrar num templo de outra religião, de ter amizade com pessoas não espíritas ou de casar-se com ateus, materialistas, católicos, protestantes, budistas ou o que quer que seja.

Por que? Porque o Espiritismo não pretende escravizar ninguém aos seus princípios, mas deseja que todos o aceitem livremente, por imperativo da própria consciência de cada qual. Assim, a única maneira eficiente de combater o Espiritismo seria provar os seus erros, mostrar aos adeptos, ou àqueles que se interessam por ele, que esta ou aquela religião pode oferecer mais e melhor do que ele. Essa, aliás, seria uma maneira religiosa de combatê-lo.

Mas quem a pratica? Quem já se lançou contra o Espiritismo dessa maneira religiosa, despertando a alma para maior compreensão da espiritualidade? O que temos visto, e o que vemos constantemente, é justamente o contrário. É a agressão contra a doutrina e os adeptos, a deturpação da verdade, a falta de conhecimento ou de sinceridade na análise do Espiritismo, o esforço, consciente ou inconsciente, para apresentá-lo como instrumento do diabo.

Que Deus nos auxilie, a todos nós, que vivemos iluminados pelos princípios do Cristianismo redivivo, no conhecimento ver-

dadeiro da Doutrina Espírita, para não aceitarmos a provocação dessas lutas anti-fraternas. Que saibamos preservar, diante dos adversários agressivos, a serenidade e o amor que o Cristo pregou ao mundo de violência seu tempo.

33 – Religião Espiritual

A difusão do Espiritismo é feita através da boa-vontade humana, assistida pelos Espíritos. Quando o historiador do futuro quiser fazer o levantamento histórico do fenômeno espírita, de-
frontar-se-á com este dado espantoso: o Espiritismo difundiu-se sem apoio e contra a vontade de todas as instituições sociais dos séculos XIX e XX. E nem sequer o movimento espírita constituiu-se numa instituição capaz de amparar sua propagação. Pelo contrário, em todo o mundo, o movimento espírita desenvolveu-se no plano da mais pura democracia, da mais ampla liberdade, num processo que, no bom sentido do termo, podemos chamar anárquico.

O próprio Cristianismo primitivo apoiou-se, inicialmente, na poderosa instituição do judaísmo. Depois, ao se destacar das sinagogas, erigiu-se imediatamente em nova instituição, organizada em forma de igreja. A Reforma Protestante amparou-se no poder temporal dos principados alemães, convertendo-se imediatamente, logo no nascedouro, em poderosa organização eclesiástica. As sociedades ocultas seguiram sempre o modelo institucional dos antigos mistérios orientais. Mas o Espiritismo não seguiu nenhum desses caminhos. Nasceu como um movimento livre, impulsionado apenas, como dizia Kardec, “pela força das coisas”, e, embora tremendamente combatido por todos os lados, propagou-se por todo o mundo.

Compreendemos a natureza desse fenômeno curioso ao nos lembrarmos da maneira espontânea e autônoma por que foram sempre criadas as sociedades espíritas, a partir da célula máter da Sociedade Espírita de Paris, organizada pelo próprio Kardec. Não se tratava de uma organização de tipo eclesiástico, mas puramente

civil. Associação de estudos, com personalidade jurídica, amparada exclusivamente no direito comum que a lei assegura a todos. Kardec não se arrogou jamais um título qualquer de chefe e ninguém lhe conferiu jamais semelhante título. Sua posição decorria do trabalho por ele desenvolvido. Foi um chefe natural.

Depois dele, as organizações nacionais e internacionais de Espiritismo, na Europa e na América, não seguiram outros sistemas. Agora mesmo, quando se desenvolve em nosso país um amplo trabalho de unificação do movimento espírita, essa unificação não se processa de maneira coercitiva, com base no princípio de autoridade institucional, mas no plano da mais pura democracia. O movimento unificador é antes de tudo um processo de aglutinação fraterna das associações doutrinárias, sob autoridade única da própria doutrina. Não há chefes, nem organismos autoritários. O espírito da unificação é a fraternidade cristã, ensinada por Jesus.

Nada exprime melhor a natureza espiritual da religião espírita, do que o processo mesmo do seu desenvolvimento. As religiões, em geral, incorporam-se em grandes organismos sociais. Transformam-se, por isso mesmo, em instituições rigidamente estruturadas. Seu espírito, o sopro que as anima, enquadra-se numa forma eclesiástica. Essa forma, à semelhança do corpo humano, restringe e muitas vezes asfixia o dinamismo interior que gerou as religiões. Henri Bergson estudou esse processo, considerando as religiões institucionais como “estáticas”, mas reconheceu a existência de uma religião dinâmica, que não se sujeita às formas de rígida estruturação social.

As conclusões de Bergson nos lembram o ensino de Jesus à mulher samaritana: “Tempo virá, em que os verdadeiros adoradores de Deus o adorarão em espírito e verdade”. Libertar o espírito religioso das formas institucionais, libertá-lo das formas literais, como ensinava Paulo, em sua referência à letra que mata, e permi-

tir à religião a sua plena realização espiritual, eis a finalidade do Cristianismo, que o Espiritismo vem objetivar em nosso tempo. “O sacerdócio organizado é o cadáver da religião”, diz Emmanuel. O Espiritismo, no seu aspecto de Consolador prometido pelo Cristo, procura atingir o plano da religião espiritual. Conan Doyle, o grande escritor inglês, o chamou de “religião psíquica”.

As pessoas que realmente se interessam pelos valores religiosos – não pelos valores sociais incorporados às instituições religiosas, mas pelos valores espirituais que constituem a essência da religião – encontrarão no Espiritismo a fonte pura que procuram. O movimento espírita é um sopro espiritual que percorre o nosso tempo, levantando as almas do velho apego ao formalismo e ao autoritarismo, para lhes conferir o direito à liberdade e o senso de responsabilidade que decorre desse direito. Não importa que poucos adeptos compreendam isso. Não importa que em muitos núcleos doutrinários encontremos ainda o ranço de um misticismo superado pela doutrina. Os erros pertencem aos homens, decorrem de suas imperfeições, do próprio processo evolutivo em que se encontram. Mas a mensagem pura da doutrina eleva-se acima dos homens e dos erros, convidando-nos a todos, sem exceção, para uma compreensão mais ampla e mais bela do mundo e da vida.

34 – Perante o Natal

As atitudes exageradas podem produzir o contrário do que desejamos. Encarar o Natal com exagerado misticismo não serve para exaltá-lo, mas para diminuí-lo. Quando dizemos que ele representa o nascimento do próprio Deus entre os homens, provocamos a dúvida e a descrença nas pessoas de temperamento racional. Da mesma maneira, quando consideramos o Natal como uma simples lenda piedosa, provocamos a repulsa dos que, no plano religioso, sentem a realidade da sua mensagem.

Nessas duas formas de exagero, encontramos as duas forças em conflito, alinhadas nos campos antagônicos da crença e da descrença. Mas o Espiritismo surge entre elas como uma espécie de mediador, explicando a fé à luz da razão e examinando a razão à luz da fé. Demonstra o perigo das atitudes extremas e procura restabelecer o equilíbrio. Sua advertência pode traduzir-se pelo conhecido adágio: “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”.

Num estudo sobre a natureza do Cristo, publicado em “Obras Póstumas”, Kardec nos oferece esta contribuição para o esclarecimento do problema: “A questão da divindade de Jesus surgiu gradativamente. Nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações que deram às palavras “Verbo” e “Filho”. Só no quarto século uma parte da Igreja a adotou, em princípio. Semelhante dogma resultou, portanto, de decisão dos homens e não de uma revelação.”

Analisando a significação das duas palavras acima citadas, bem como das expressões bíblicas “Filho de Deus” e “Filho do Homem”, Kardec mostra a impossibilidade lógica de se considerar Jesus como sendo o próprio Deus. Aquele que nasceu em Belém não era, portanto, o Criador Supremo, mas apenas um seu

enviado. É o que ele explica nas seguintes palavras: “A qualidade do Messias, ou Enviado, que lhe é atribuída, em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada, com relação àquele que envia. O que obedece não pode ser igual ao que manda.”

Kardec examina ainda as profecias sobre o nascimento de Jesus e a opinião dos apóstolos a respeito da sua divindade. Quanto às profecias bíblicas, conclui: “A distinção entre Deus e seu futuro enviado acha-se ali caracterizada da maneira mais formal.” No tocante aos apóstolos, o que se deduz das epístolas e do “Livro de Atos” é que eles consideravam Jesus como “um homem-profeta, escolhido por Deus”. E acrescenta Kardec, sempre com referência ao dogma da encarnação de Deus: “Não foi entre os apóstolos que teve origem a crença na divindade de Jesus.”

Ao contrário, porém, do que dizem os adversários do Espiritismo, Kardec não nega a divindade de Jesus. Admite-a, mas não como a forma extrema da encarnação de Deus, tão comum ao pensamento mitológico. Para Kardec, e portanto para o Espiritismo, Jesus possuía uma natureza divina, decorrente de sua elevada posição espiritual. Divino é o que está acima do humano, o que supera a fragilidade da natureza semi-animal dos homens. São claras as conclusões de Kardec: “Jesus era um Messias Divino, pelo duplo motivo de haver recebido de Deus a sua missão, e de suas perfeições o colocarem em relação direta com Deus.”

Estamos, assim, no meio termo. E como no meio se encontra a virtude, segundo ensinavam Aristóteles e Tomás de Aquino, encontramos na posição espírita a solução racional do problema. Não uma solução forjada intelectualmente, mas tirada do próprio exame dos textos sagrados e confirmada através do estudo histórico e da lógica mais rigorosa. Os textos mostram o que já vimos acima. O estudo histórico do problema das encarnações divinas revela que se trata de uma herança mitológica. O exame lógico

demonstra a impossibilidade da encarnação finita do poder infinito que rege o Universo.

A criança que nasceu em Belém, na noite tradicionalmente fixada como a do Natal, é o mais elevado espírito que já passou pela Terra, no cumprimento da mais pura e mais alta de todas as missões. Criatura divina, porque superava, em sua elevação espiritual, a condição humana, mas jamais o próprio Deus. Nem mesmo os descrentes podem negar isso, quando examinam a mensagem superior que Jesus nos trouxe, o exemplo que nos deu e as conseqüências da sua passagem entre nós. Ninguém jamais produziu tamanha transformação no mundo, continuando a operar no coração dos homens, no sentido de uma revolução cada vez mais profunda.

Os cristãos escolheram uma data mitológica para a fixação do Natal. Era a data tradicional do advento messiânico nas civilizações antigas. Não importa que essa data não seja historicamente exata. Ela se mostra impregnada, tradicionalmente, de vibrações de adoração e de respeito. O Espiritismo procura libertar o pensamento religioso da herança mitológica, mas não pretende modificar as datas tradicionais. Por isso, os espíritas se unem a todos os cristãos, na comemoração do Natal. Mas devem procurar, como ensinou Kardec, em vez de exaltar o aspecto mitológico da tradição, aprofundar o significado da mensagem evangélica.

35 – Bases Bíblicas

“As Escrituras são contra o Espiritismo – escreve-nos um leitor – e a verdade é que os espíritas são obrigados a torcer os textos, para adaptá-los mal-e-mal às suas idéias. Gostaria de ver como o Irmão responderia a esta acusação, que me vem sendo proposta por amigos de várias denominações religiosas”. A resposta só poderia ser uma refutação direta, nestes termos: “As Escrituras confirmam o Espiritismo, oferecendo-lhe as mais sólidas bases históricas e proféticas. Mais ainda do que isso: anunciam o Espiritismo.”

O leitor poderá argumentar que numerosos teólogos, sacerdotes e religiosos em geral, baseiam-se exatamente nas Escrituras para refutarem os princípios espíritas. Responderemos que aos exegetas das várias correntes anti-espíritas podemos opor a exegese espírita, que por sua vez encontra apoio em muitas interpretações esclarecidas dos próprios meios contrários. As Escrituras, que são o caso do Velho e o Novo Testamento, por sua riqueza espiritual e histórica, têm servido às mais diferentes interpretações. Mas já advertia o apóstolo Paulo que a letra mata e o espírito vivifica. A interpretação espírita, respeitando a letra, não se prende a ela, mas procura penetrar-lhe o espírito.

Descartes colocou, como primeira regra do seu método renovador, o princípio da evidência, advertindo que se deve “evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção.” Essa advertência continua a ser rejeitada pelos exegetas bíblicos, que permanecem na fase anti-cartesiana do conhecimento, apegados às suas prevenções e julgando precipitadamente. Fato, aliás, historicamente justificável, quando compreendemos que as raízes do falso conhecimento, combatido pela revolução cartesiana, estão justamente

no dogmatismo religioso. Interpretando as Escrituras na base de premissas já estabelecidas pela fé, em idéias feitas e cristalizadas no tempo, os exegetas anti-espíritas não conseguem descobrir a evidência espírita dos textos bíblicos.

Ainda há pouco a Editorial Victor Hugo, de Buenos Aires, lançou nova edição de um livro valioso: “O Espiritismo na Bíblia”, de Enrique Stecki, para o qual chamamos a atenção do nosso missivista. Em português temos um livro importante: “De Cá e de Lá”, do professor Romeu Amaral Camargo, ex-diácono da Primeira Igreja Presbiteriana Independente, desta capital, convertido ao Espiritismo, do qual se tornou um dos mais fervorosos praticantes e pregadores em nosso Estado. Nesse livro, o saudoso professor e advogado analisa várias passagens bíblicas, demonstrando a evidência dos fatos mediúnicos, a começar da própria “revelação da lei” a Moisés. Mas desde Kardec e Léon Denis, o leitor encontrará importantes informações sobre a natureza mediúnica das Escrituras, na bibliografia espírita.

Vejamos um pequeno trecho do livro do professor Amaral Camargo: “Desde o primeiro livro da Bíblia (o Gênesis) até o último (o do Apocalipse ou da Revelação) só vemos o ensino ministrado por Espíritos. O próprio Moisés não ouviu diretamente a voz de Deus, mas a dos Espíritos. É o apóstolo Paulo quem o afirma: “Vós, que recebestes a lei por ministério dos anjos” (do latim, *ângelus*, mensageiro, o que anuncia. “A lei foi anunciada pelos anjos” (Atos, 7:53; Hebreus, 2:2). “Anjos são Espíritos” afirma o apóstolo (Hebreus, 1:7).

Stecki, em suas pesquisas bíblicas, chegou à conclusão de que: “quase todas as bases principais da doutrina espírita moderna eram mais ou menos conhecidas pelos descendentes do povo de Moisés”. Lembra, aliás, como o faz o professor Amaral Camargo, várias passagens bíblicas referentes a comunicações mediúnicas, nas quais o texto é de tal maneira explícito, que só mesmo a sua

distorção pelo pensamento prevenido pode atribuir-lhe interpretação diversa. A verdade, pois, é que as Escrituras constituem poderosa base do Espiritismo, que Kardec apresentou sabiamente como a III Revelação. A primeira foi a de Moisés, a segunda a do Cristo, a terceira a do Paráclito, consubstanciada na Doutrina Espírita, que representa o coroamento natural, histórico e necessário, das Escrituras.

36 – Espontaneidade Mediúnica

Em fins de Outubro de 1959, deixou a vida terrena o médium e pregador espírita Urbano de Assis Xavier, cirurgião-dentista largamente conhecido nesta capital e nas zonas Araraquarense e Paulista, nas quais residira. Mas Urbano, que desencarnou em Marília, era também conhecido nas demais zonas do Estado e em todo o país, em virtude de suas notáveis faculdades mediúnicas, bem como de suas atividades, nos últimos anos, como viajante comercial. Incansável trabalhador da seara, discípulo de Cairbar Schutel, procurava semear por toda parte os princípios espíritas, através de suas preleções e da própria conversação comum, ao mesmo tempo em que demonstrava a realidade do Espírito através dos seus extraordinários dons mediúnicos.

Urbano de Assis Xavier foi uma réplica viva a diversas objeções que os adversários do Espiritismo fazem à doutrina. De família católica da Bahia, criado em ambiente católico, tornara-se presidente de congregação mariana e acabara contraindo matrimônio com uma jovem filha de Maria. Logo depois do casamento, entretanto, sua mediunidade desenvolveu-se espontaneamente, no próprio lar, longe de qualquer influência espírita. E foi o seu guia-espírita – Espírito amigo que o acompanhou ao longo de toda a existência – quem lhe indicou o caminho a seguir, ensinando sua esposa a “doutrinar” o obsessivo que o perturbava e aconselhando-o a procurar Cairbar Schutel, que o iniciou na doutrina.

Esse fato é dos mais significativos, comprovando a realidade absoluta da comunicabilidade dos Espíritos. Urbano dirigiu-se a Matão, contando a Schutel o que se passava, e recebendo deste as primeiras lições de Espiritismo. Até então, a doutrina lhe parecera terrível heresia, da qual desejava manter-se afastado. Uma vez,

porém, esclarecido o seu caso e desenvolvida a sua mediunidade de maneira definitiva e completa, ele e a esposa tornaram-se espíritas. Ambos convertidos ao Espiritismo por força dos fatos e graças à intervenção espontânea dos Espíritos, sem qualquer participação de influências humanas, pois a participação de Cairbar Schutel só ocorreu mais tarde, por indicação dos próprios Espíritos. Não vivendo o casal em ambiente espírita, não tendo nenhuma ligação com o Espiritismo e nada conhecendo do assunto, ficam inteiramente excluídas do caso as falsas hipóteses de sugestão e de influência do meio.

No desempenho de sua missão mediúnica, urbano tornou-se um dos mais admiráveis instrumentos de comunicação espírita em nosso país. Médiun inconsciente, ou seja, dos que não guardam lembranças das comunicações dadas por seu intermédio, transformava-se de tal maneira ao receber o espírito comunicante que esse era facilmente reconhecido pelas pessoas amigas, sem necessidade de dizer o nome. Chegava às vezes à transfiguração, transformando o seu rosto com traços do Espírito comunicante, como tivemos ocasião de observar. Nos últimos tempos, desenvolveu também a mediunidade de “voz direta”, caindo em transe enquanto os Espíritos falavam diretamente com os presentes, vibrando a voz em pleno ar. Tivemos ocasião de palestrar com entes queridos através desse maravilhoso fenômeno, em sessão realizada com Urbano em Marília, e na mesma sessão outras pessoas puderam fazer o mesmo.

Possuía também, em alto grau, a mediunidade curadora, tendo realizado curas espantosas, como podem atestar os seus numerosos amigos, por toda parte. Sabendo-se possuidor desse dom, estava sempre disposto a atender aos necessitados, mesmo com sacrifício de seus interesses pessoais e profissionais. Quantas vezes o vimos sofrer tremendamente, sob a influência de entidades inferiores, para libertar criaturas perseguidas. Submetia-se

alegremente ao sofrimento, que uma vez passado se convertia em motivo de grande satisfação, diante dos resultados obtidos. Quantas vezes tivemos o seu auxílio mediúnico em casos difíceis, com sacrifício de seus interesses mais urgentes!

Esse médium polimorfo, entretanto, não sofria de desequilíbrios psíquicos ou mentais de qualquer espécie. Era um homem normal, de aspecto saudável, fisionomia corada e irradiante de simpatia humana, espírito ágil, objetivo, prático, muito mais voltado para os problemas cotidianos do que para os mistérios do além. Nenhuma preocupação mística, a não ser o sentimento religioso comum. Quantos o censuravam por isso, no meio espírita, sem compreenderem o valor desse fato para refutação de tantas hipóteses absurdas sobre a natureza anormal dos médiuns! Urbano era uma réplica viva a essas teorias anti-espíritas. Nele se fundiam, ao mesmo tempo, o médium extraordinário, de variadas faculdades, e o homem prático, voltado para os problemas da vida. Que maravilhosa resposta aos forjadores de teorias mórbidas sobre a mediunidade!

Mesmo durante a vida do médium, tivemos várias oportunidades de relatar, nesta seção, importantes fatos ocorridos com ele, inclusive comunicações perfeitamente identificadas, como a do escritor e jornalista Galeão Coutinho, que Urbano não conhecera. A pouco e pouco iremos publicando outros fatos, que agora poderemos divulgar com mais liberdade. O sepultamento do corpo atraiu a Marília numerosos amigos do médium, fazendo-se representar diversas associações espíritas de toda a Alta Paulista. O jornal espírita “O Clarim”, de Matão, já publicou, na sua tradicional seção “Coletânea”, a primeira comunicação psicográfica do Espírito, que tem ainda se manifestado em ambientes amigos, reafirmando a sua fé inabalável na doutrina e comprovando a sua incansável pregação da imortalidade. É assim também, e não

apenas com exemplos estranhos, que os pregadores espíritas provam o que ensinam.

37 – A Reencarnação e a Cultura

Num livro recentemente lançado em Buenos Aires, pela Editorial Victor Hugo, com o título “Las Vidas Sucessivas”, declara o escritor espírita Santiago Bossero que o princípio da reencarnação se encontra em todas as grandes religiões do mundo. E acrescenta: “Em todas elas encontra-se o pensamento da reencarnação, às vezes velado pelo símbolo, e outras vezes nitidamente expresso, com as conseqüências morais e espirituais que dessa verdade decorrem”.

O Espiritismo defende o princípio da reencarnação como verdade tradicionalmente reconhecida, não só na religião, como também na filosofia. E contrariando os que colocam o Cristianismo em oposição a esse princípio, sustenta a sua presença nos Evangelhos. Como em todos os problemas que enfrenta, entretanto, o Espiritismo não faz afirmações apressadas a respeito desse importante assunto. A análise espírita dos textos evangélicos ainda não pôde ser refutada pelos opositores, que em geral preferem combatê-la com afirmações de natureza dogmática, fundadas na autoridade convencional. Assim, a referência de Bossero é também verdadeira para o Cristianismo.

Entre as passagens evangélicas referentes à reencarnação, destacam-se, por sua ênfase, a declaração de Jesus sobre a volta de Elias, na pessoa de João Batista, e o ensino de Jesus a Nicodemos sobre a necessidade do novo nascimento. A essas duas passagens os cristão anti-reencarnacionistas opõem tão somente interpretações do texto, na base dos dogmas de suas igrejas. No caso de Elias, por exemplo, alegam que não se tratava de reencarnação, mas de uma referência à conduta de João, que andava “no espírito

de Elias”. No caso de Nicodemos, o novo nascimento é interpretado como regeneração pela água do batismo.

Kardec admite esta última interpretação, como subsidiária, mas sustenta a impossibilidade de se desvirtuar o texto, que é de uma claridade meridiana, principalmente nesta passagem de Mateus, 11: 12-15: “Desde os dias de João Batista até agora o reino dos céus é tomado à força, e os que se esforçam são os que o conquistam. Pois todos os Profetas e a Lei até João profetizaram, e se quereis recebê-lo, ele mesmo é o Elias que há de vir. O que tem ouvidos, ouça.” Mais incisiva ainda é a declaração de Mateus em 17: 10-13: “Então conheceram os discípulos que de João Batista é que ele lhes falará”. Quer dizer: quando o texto assegura que Jesus falara da volta de Elias no corpo de João, e que os discípulos compreenderam isso, é impossível torcer-se o sentido do texto, sem violentar o Evangelho.

Quanto ao renascimento como regeneração pela água do batismo, Kardec lembra o sentido da palavra “água” no tempo de Jesus e em toda antiguidade. A água representava a matéria, em oposição ao espírito. O mundo havia surgido da água, por impulso do espírito. Assim pensavam os místicos do mais remoto passado, assim pensava o filósofo Tales de Mileto, e esse mesmo pensamento nos é apresentado na Bíblia: “O espírito de Deus fluava sobre as águas”, ou ainda: “que as águas produzam animais viventes”, como vemos no “Gênesis”. Dessa maneira “nascer da água e do espírito” é nascer da matéria e do espírito.

Kardec lembra ainda as passagens bíblicas referentes à reencarnação, mostrando que esse princípio era conhecido entre os judeus pelo nome de ressurreição. Não só o Cristianismo, portanto, como herdeiro natural do Judaísmo, é reencarnacionista, mas também essa religião. E encarecendo a importância do princípio, Kardec afirma: “Sem a preexistência da alma e a pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são ininteligí-

veis. Por isso mesmo, deram lugar a tão contraditórias interpretações. Este princípio é a chave que lhes há de restituir o verdadeiro sentido”.

Mas além das passagens evangélicas que afirmam o princípio da reencarnação, o Espiritismo se apóia, como acentua Kardec, nas leis da lógica e nas observações da ciência. O princípio espírita da reencarnação não decorre de interpretações sectárias do texto evangélico. É um princípio lógico, e nesse plano de uma solidez inabalável, mas é também cientificamente demonstrável. Os espíritas consideram a reencarnação como lei natural, comprovada pela observação e pela experiência científica. Para combatê-la ou criticá-la, portanto, é indispensável o conhecimento dessas investigações.

O professor Carlos Castiñeiras, no prefácio que escreveu para o livro de Santiago Bossero, acentua: “O conhecimento da reencarnação e de seu princípio conexo, a lei de causa e efeito, determinará uma modificação favorável na cultura do homem ocidental”. E logo mais, cheio de confiança no futuro, acrescenta: “Embora a noite de nossa cultura seja um tanto prolongada, tudo anuncia a proximidade de uma grande e magnífica aurora. A luz avança, e já se vislumbra, no mundo arquetípico do pensamento ocidental, o epicentro das grandes transformações religiosas e sociais: Reencarnação, Palingenesia”.

Em livro anterior, já dissera o escritor Humberto Mariotti que o Espiritismo aguarda o esclarecimento, em nosso mundo, do problema da reencarnação. Esclarecimento que terá de vir de duas fontes: a científica e a religiosa. Estas são as palavras de Mariotti: “Como uma estrela de amor, a ciência espírita continuará iluminando o caminho de todos os peregrinos que marcham em busca da verdade.” Não se poderia exprimir esse fato de maneira mais bela. Enquanto em nosso mundo materialista, desesperado pela concepção absurda da unicidade da existência, reina completa

confusão quanto ao destino do homem, o Espiritismo espera no horizonte, como uma estrela de amor, o momento de lançar os raios de luz sobre a nossa cultura.

Sem o princípio da reencarnação, a vida se torna intolerável, para todos aqueles que não se contentam com as condições materiais, aspirando a melhores condições. Por outro lado, o próprio sentido da existência humana desaparece. E ainda mais, como dizia Kardec, os próprios textos religiosos, particularmente os evangélicos, tornam-se ininteligíveis. Isso não quer dizer, entretanto, que tenhamos de aceitar a reencarnação somente porque ela representa uma explicação da vida. Esse motivo, por si só, seria ponderável, mas no caso da reencarnação há muito mais do que isso. Ela não somente explica a vida humana, como também se impõe à razão de maneira imperiosa, através da lógica, das mais profundas tradições espirituais do homem e dos próprios fatos. Quem estuda em profundidade o problema da reencarnação, acaba admirado de que tantas pessoas se esforcem por negá-la, que fechem os olhos à sua evidência, quando tão amplas perspectivas ela abre ao pensamento.

Vejamos uma comparação, proposta por Kardec, das possibilidades das várias teorias sobre o destino humano:

“Quatro alternativas de apresentam ao homem, para o seu futuro além da morte:

- 1^a) o nada, segundo a doutrina materialista;
- 2^a) a absorção no todo universal, conforme a doutrina panteísta;
- 3^a) a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da igreja;
- 4^a) a individualidade, com progressão ilimitada, segundo a doutrina espírita.

Prosseguindo na análise dessas alternativas, diz Kardec: “Conforme as duas primeiras, os laços de família de rompem depois da morte, não restando nenhuma esperança de se reatá-los. Com a terceira, poderão reencontrar-se os que estiverem no mesmo meio, que tanto pode ser o inferno, quanto o paraíso. Com a quarta, isto é, a da pluralidade das existências, que é inseparável do progresso gradativo, há a certeza da continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso que constitui a verdadeira família”.

Além desses argumentos de ordem moral, temos de considerar os que resultam das observações e experiências científicas. A reencarnação, que se impõe ao pensamento como uma solução lógica do problema da vida, impõe-se também ao observador e ao experimentador, através de fatos eloqüentes, que tanto aparecem na história, quanto no momento presente. Como explicar-se, por exemplo, o caso das lembranças de vidas anteriores, verificadas espontaneamente em crianças de tenra idade, ou os casos de referências precisas a outras encarnações, nas experiências hipnóticas de regressão da memória? O princípio da reencarnação, como se vê, é bem mais sério do que pode parecer à primeira vista e não pode ser refutado com simples argumentos.

38 – Jesus e Nicodemos

“Necessário vos é nascer de novo”. Estas palavras de Jesus, que tamanho espanto causaram a Nicodemos, ainda hoje não foram compreendidas em seu verdadeiro e mais profundo sentido. Embora os primeiros cristãos tenham admitido o princípio reencarnacionista, que desenvolvia, definia e esclarecia o dogma judaico da ressurreição, segundo explica Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e embora na era patrística ainda ele fosse aceito, como vemos no caso de Alexandria, segundo Léon Denis em “Cristianismo e Espiritismo”, a partir do quarto século da nossa era as igrejas cristãs se afastaram dessa concepção. Desde então, um denso véu caiu sobre a mente ocidental, que se fechou no conceito da unicidade da existência, dando interpretação apenas simbólica às palavras de Jesus.

“Nascer de novo”, de acordo com a interpretação simbólica, é simplesmente transformar-se o homem pela regeneração. Entretanto, a verdadeira regeneração não pode ser feita no curto espaço de tempo de uma existência terrena. O princípio da reencarnação envolve o conceito de regeneração em maior amplitude. O espírito se reencarna para esse fim. O objetivo mesmo da reencarnação é a regeneração, a transformação progressiva do ser, que evolui através do tempo, graças às oportunidades que Deus lhe concede, nas vidas sucessivas. Assim, os que aludem à reencarnação com desprezo, advertindo que o necessário é a regeneração, nada mais fazem do que provar que ignoram o assunto em causa.

Kardec esclarece, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que a interpretação do “nascer de novo”, como regeneração não pode ser aplicada a todos os trechos evangélicos referentes ao problema. A expressão “nascer de novo” pode ser entendida como

transformação moral e espiritual, mas quando não estiver num contexto que lhe indica sentido mais concreto e imediato. Ora, acontece que as palavras de Jesus a Nicodemos não se referem apenas à necessidade de transformação moral. A própria pergunta de Nicodemos ao Mestre, cheia de espanto, é uma prova disso: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez?” Jesus esclarece o problema, e Nicodemos espanta-se de novo: “como se pode fazer isso?” E então Jesus lhe retruca de maneira decisiva: “Tu és mestre em Israel, e não sabes estas coisas?” E logo mais acentua: “Se quando eu vos tenho falado das coisas terrenas, ainda assim não me credes, como me creereis se eu vos falar das celestiais?” (João, 3: 1-12).

Tudo é tão claro, tão incisivo, tão luminoso, nesse diálogo, que ficamos admirados de ver como a sua incompreensão pode se prolongar através dos séculos. Jesus lembra a Nicodemos que ele era mestre em Israel, porque os judeus, como ensina Kardec, admitiam a reencarnação, com o nome de ressurreição. Ao mesmo tempo Jesus lembra que, ao tratar da reencarnação, não está falando de coisas celestiais, incompreensíveis para o homem apegado à Terra, mais de coisas terrenas, de fatos que diariamente se repetem na face da Terra. Pode-se argumentar que Nicodemos revela desconhecimento da reencarnação; isso é evidente. Mas Kardec assinala, com clareza, que os judeus, nesse ponto, como em tantos outros, não tinham idéias bastante claras e alimentavam numerosas divergências. Jesus responde esclarecendo o assunto e chamando a atenção do seu interpelante para a importância do problema.

Um argumento de Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, é digno da maior atenção: “A idéia de que João Batista era Elias, e de que os profetas podiam voltar a viver na Terra, encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos. Se esta crença

fosse um erro, Jesus a teria combatido, como o fez com tantas outras. Longe disso, ele a sancionou com toda a sua autoridade, e a pôs como princípio e condição necessária, quando disse: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus”. E insistiu: “Não te maravilhes de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo.” A variação do tratamento assume significação profunda: “te disse” (a ti), que “vos é necessário” (a vós), e portanto a todos os homens, “nascer de novo”.

39 – A Magia da Água

Os ritos de purificação, usados nas tribos primitivas, adquiriram formas diversas, nas religiões, relativas às diversas fases no desenvolvimento da civilização. É bem conhecido o problema da pureza e da impureza no mundo judaico. Entre os ritos prescritos para transformar o impuro, para lhe tirar a nódoa, a mancha, o pecado, figurava a ablução. Maurice Goguel, deão da Faculdade Livre de Teologia Protestante de Paris e professor da Sorbonne, ensina no seu livro, “*Les premiers temps de l’egise*” que os ritos da ablução estavam grandemente espalhados na Palestina do primeiro século da nossa era. E acentuando que “o batismo de João não seria, talvez, mais que um caso particular” dessa generalização, declara ainda: “O batismo de João poderia, na intenção deste, devolver a qualidade de filho de Abrão aos judeus que a tivessem perdido, pelos seus pecados”.

Goguel vai mais longe na sua análise, advertindo que o batismo cristão “parece ter o seu protótipo no batismo judeu dos prosélitos”. A magia da água era largamente admitida na antiguidade mística, e sua influência é ainda hoje dominante nos rituais e nas formas sacramentais de grandes religiões, cristãs e não cristãs. Essa forma de ritualismo primitivo, com o poder impressionante do seu simbolismo místico, serviu para substituir, entre os cristãos-judeus, o rito sangrento da circuncisão, que Pedro e outros apóstolos, chamados “judaizantes” pelo convertido de Damasco, pretendiam conservar no cristianismo. É ainda Goguel quem nos ensina: “A conversão de um certo número de discípulos de João Batista explicaria talvez a adoção pela igreja do rito batismal, que Jesus não praticara no seu ministério pessoal; entretanto, a adoção desse rito foi sobretudo determinada pela necessidade, que se

impunha à igreja, de possuir um rito de agregação que a delimitasse.”

Quando verificamos que, nas próprias faculdades de teologia, há professores de renome, capazes de compreender o problema histórico da assimilação do ritualismo primitivo pelas formas de religião superior, não podemos estranhar que o Espiritismo se recuse a aceitar a tese do renascimento pela água do batismo, como possível substituto da reencarnação. A fragilidade lógica dessa tentativa de substituição é evidente. A pesquisa histórica nos mostra o significado da água como símbolo da fecundidade material, e a constante analógica dos textos evangélicos, que é a linguagem figurada de Jesus, não autoriza ninguém a sustentar um sentido literal para sua referência ao nascimento através da água. Além disso, como acentua Kardec, o próprio dogma da ressurreição, que o apóstolo Paulo estendeu a todos os homens e consta das crenças judaicas mais arraigadas, é poderoso argumento a favor da reencarnação. Nascer da água e do espírito, ou da carne e do espírito, como declara o texto, é simplesmente renascer, ou em linguagem espírita, reencarnar-se.

A alegação de que a reencarnação pertence a crenças ou religiões orientais não tem nenhum sentido. O próprio Cristianismo era uma religião oriental, que o ocidente adotou. O princípio da reencarnação figura nas tradições do ocidente, particularmente na religião dos celtas, nas Gálias, na Irlanda e na Escócia. Trata-se, na verdade, de um princípio universal, encontrado em todas as latitudes do globo e em todas as épocas. Jesus o ensinou a Nicodemos e o confirmou aos apóstolos, no caso de Elias. Pais da igreja o admitiram, como vemos no caso de Orígenes e Clemente. A tradição cristã, e antes dela a judaica, estão marcadas por esse princípio. As fontes gregas da filosofia, de que se serviram Agostinho e Aquino, entre outros, para modelar uma teologia cristã, são também reencarnacionistas. Como, pois, queremos apontar a

reencarnação como uma espécie de corpo estranho no pensamento cristão? Nada mais insustentável do que isso.

O Espiritismo defende a reencarnação como princípio evangélico e o sustenta historicamente na linha das tradições judeu-greco-cristãs. Sustenta ainda esse princípio como herança celta, tipicamente ocidental, vinculada à história do ocidente, onde os celtas desempenharam papel dos mais significativos, inclusive no renascimento carolíngio. Além disso, o Espiritismo sustenta o princípio da reencarnação através da investigação lógica, da reflexão ética e da própria pesquisa científica. Para uma refutação, portanto, do pensamento espírita, nesse sentido, não bastam as sutilezas exegéticas. Só seria possível negar a reencarnação, perante o Espiritismo, com uma refutação completa da argumentação espírita e das provas experimentais em que ela se apóia. Até o momento, isso não foi possível, em nenhuma parte do mundo.

40 – Religião Psíquica

O Espiritismo não tem nenhuma reivindicação a fazer, no terreno do formalismo religioso. Pelo contrário, ao se apresentar como desenvolvimento natural do Cristianismo, a doutrina espírita se firma na essência do pensamento cristão, revelada na incessante repulsa de Jesus às práticas formalísticas. Como disse muito bem Conan Doyle, o Espiritismo não é uma religião formal, mas uma “religião psíquica”. Jesus não aparece, à luz dos estudos espíritas, como redentor sacramental, mas como redentor espiritual. Essa a razão porque os espíritas não consideram a existência de “sacramentos básicos” no Cristianismo, pois os sacramentos se apresentam ao Espiritismo como formas de sobrevivência do pensamento mágico, superado pelo ensino espiritual de Jesus.

Bastaria isso para mostrar a impossibilidade de qualquer conciliação do pensamento espírita com as correntes formais do pensamento cristão contemporâneo. Quando as religiões formalistas pregam a salvação pela água do batismo, pela efusão do sangue ou pela graça, o Espiritismo responde com o ensino de Jesus à mulher samaritana: “os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e verdade”. As formas rituais e sacramentais da religião não são mais do que formas. O que interessa, do ponto de vista espírita, é a essência. As formas serviram para conduzir o pensamento humano à espiritualização, mas chegado a esta, o pensamento deve livrar-se do jugo das formas, sob pena de se esterilizar no formalismo. É o ensino de Paulo aos gálatas (3:24), ou seja: “a lei era o nosso pedagogo, para nos conduzir ao Cristo”.

O pensamento espírita é dinâmico, e não estático. É evolucionista. As formas rituais e sacramentais têm validade temporal, mas são apenas meios, instrumentos religiosos. Quando, através

desses instrumentos, atingimos o objetivo espiritual, não mais precisamos deles. É por isso que o Espiritismo compreende as religiões e pode assumir perante elas uma atitude de tolerância compreensiva. Kardec dizia que o Espiritismo não viera para os que estavam satisfeitos em suas crenças, mas para os que necessitavam de novas concepções espirituais. Reportando-nos ao diálogo de Jesus com a samaritana, podemos interpretá-lo assim: os judeus que desejarem sacrificar animais no templo de Jerusalém, que continuem a fazê-lo; os samaritanos que desejarem adorar a Deus no monte Garizim, que o façam; mas aqueles que já compreenderam a natureza puramente formal dessas atitudes, que bebam a água da vida, adorando a Deus em espírito e verdade.

A exemplo da purificação pela água, a aspersion de sangue exerceu grande papel nos ritos primitivos, repercutindo nas formas religiosas da antiguidade. A efusão de sangue purificava e redimia. O pensamento mágico da era tribal está vigorosamente presente nessa crença. Não se trata de um processo religioso, mas de um processo mágico. Jesus, usando a linguagem analógica da tradição oriental, e aplicando-a de maneira penetrante em seus ensinamentos comparativos, que encontramos em todo o texto evangélico, referiu-se a si mesmo como “o cordeiro de Deus”, ou seja, aquele que, à semelhança dos cordeiros vendidos pelos sacerdotes no templo, para o sacrifício remissor, daria a sua vida para salvar os homens. O Espiritismo, com seu método de exame espiritual e investigação histórica dos processos religiosos, põe em evidência o sentido analógico dessas palavras do Mestre. Por isso mesmo, não pode aceitar a idéia mágica da redenção pelo sangue. O que redime é o ensino de Jesus, esse mesmo ensino que o levou ao madeiro, ao sacrifício.

É claro que essa posição espírita não pode ser aceita pelos sectários de religiões formalistas. Nem o Espiritismo deseja a aprovação dessas religiões. Compreendendo-as, e reconhecendo o

papel de todas elas, no lento processo de espiritualização humana, o Espiritismo as respeita, mas não pode submeter-se aos seus princípios. A intolerância religiosa repele o pensamento espírita como herético e procura combatê-lo por todos os meios possíveis. Mas o próprio conceito de heresia não encontra lugar no pensamento espírita. A religião psíquica, desprendida das formas sacramentais e litúrgicas, liberta as limitações formais, não alimenta a pretensão de absolutismo. É um convite à superação do passado.

A análise espírita da história cristã revela que o sacrifício de Jesus foi submetido a uma transfiguração mágica, pela qual esse sacrifício adquire as supostas qualidades da antiga efusão de sangue animal sobre o altar do templo judaico. O ensino analógico foi tomado ao pé da letra. Entretanto, como o objetivo de Jesus era a libertação espiritual do homem, se o sacrifício da cruz não tivesse ocorrido, a sua missão teria atingido resultados mais rápidos e eficazes. Por que? Simplesmente porque o homem, não matando Jesus, teria revelado maior adiantamento espiritual e, conseqüentemente, maior capacidade de entender os seus ensinamentos.

O sangue derramado na cruz, longe de significar a redenção, equivale a uma prova de atraso mental da humanidade de então. Foi por causa desse atraso que Jesus anunciou a vinda necessária do Consolador, do Espírito de Verdade, do Paráclito, para dizer aos homens, mais tarde, aquilo que no momento eles não podiam entender (João, 16: 12-14). Não queremos, evidentemente, que os contraditores do Espiritismo aceitem essa tese. Queremos apenas expô-la, para que procurem entender a nossa posição, em vez de combatê-la com a intolerância habitual.

41 – Sincretismo Cristão

A mensagem religiosa do Espiritismo é contrária a toda e qualquer espécie de formalismo. Seu objetivo é o despertar do homem para compreensão espiritual em espírito e verdade. A tese espírita é a de que o formalismo religioso foi superado pelo Cristo. Até a Sua vinda, os homens se apegavam a símbolos, ídolos, ritos, alegorias, para poderem compreender a coisas do espírito. Depois de sua vinda, todas essas formalidades, todos esses meios exteriores, foram superados pelo Seu ensino.

Assim, quando falamos em formalismo, não fazemos distinção alguma entre o judaico e o bramânico, o das seitas cristãs da antiguidade ou as suas formas atuais. O formalismo está presente onde quer que os homens submetam a religião a formalidades, a exterioridades. As formas absorventes do culto religioso, as formas sacramentais, as exigências convencionais da religião, por mais que elas se digam fundadas no Evangelho, não passam de formalidades. As religiões formalistas alegam sempre que fora de suas formalidades não há salvação. O Espiritismo responde simplesmente com estas palavras, de perfeito acordo com o espírito do ensino de Jesus: “Fora da caridade não há salvação”.

Mas o formalismo não se traduz apenas pelo apego aos sistemas rituais. Há também um formalismo literal, que representa o apego aos textos religiosos antigos, considerados sagrados. O Espiritismo, também nesse terreno, apresenta-se com o sentido vivo e dinâmico de uma revolução espiritual. Os textos são considerados como mananciais de inspiração, portadores de um conteúdo espiritual que só pode, entretanto, ser realmente entendido, sem apego “à letra que mata”. Aliás, essa posição do Espiritismo, no tocante ao literalismo religioso, é a conseqüência de uma

evolução natural do espírito humano, pois desde os primeiros tempos do Cristianismo o problema “da letra que mata e do espírito que vivifica” foi posto em equação.

A posição do Espiritismo, como já dissemos numerosas vezes, é de absoluto respeito a todas as religiões. O próprio formalismo religioso, que o Espiritismo considera superado pelos ensinamentos espirituais do Cristo, merece-lhe respeito, quando praticado com sinceridade. Mas se os religiosos formalistas entendem que o espírita não é cristão porque não aceita o apego às formas, e por isso atacam o Espiritismo, este precisa defender-se, esclarecendo os problemas suscitados. A lição do Cristo à mulher samaritana não é o único trecho do Evangelho em que o formalismo é repudiado. Sabem disso os literalistas. O que interessava a Jesus era a atitude interior do homem, como vemos no caso da prece dos fariseus, no óbolo da viúva, na questão do sábado, na lição da vasilha limpa por fora e não por dentro, e assim por diante. A parábola do bom samaritano é uma decisiva repulsa às divisões formalistas entre os homens, e um ensino poderoso da verdade espiritual liberta das convenções humanas.

Queremos, pois, deixar bem clara a posição do Espiritismo em face dos formalismos judeus e pagãos, introduzidos no Cristianismo através do processo sociológico do sincretismo religioso. Para o Espiritismo, não é o batismo nem qualquer outro sacramento o que faz o cristão, ou o que salva o homem, mas o ensino moral de Jesus. Ser cristão é seguir a Cristo, praticando na vida o que ele ensinou. Em lugar da água, a verdade; em lugar do sangue, o verbo; em lugar da morte, a ressurreição. O Cristianismo, à luz do Espiritismo, não é um processo formal de salvação, nem uma dramatização religiosa, tão ao gosto do judaísmo e do paganismo, mas um processo de libertação espiritual, através da água viva, que Jesus ofereceu à mulher samaritana. Quem tiver ouvidos de entender, entenda.

– 0 –

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

As obras espíritas nunca sustentam, financeiramente, os seus escritores; estes são abnegados trabalhadores na seara de Jesus, em busca constante da paz no Reino de Deus.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)